

# MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL  
1º AGO 1944



Qual é  
a sua revista  
preferida  
minha  
encantadora  
amiga?

# MENSAGEM PARA O "FRONT"

Querido Bill:

Certamente que conheces já a maior parte das notícias. Pessoas que regressaram da Normandia, na passada semana, declaram que logo que tiveste algum tempo para pensar nos acontecimentos após o desembarque, começaste a conjecturar: «Como terão encarado o dia «D», os que ficaram na Inglaterra? Que dirá a Imprensa? Haverá realmente excitação entre as pessoas?

Então, começaram a chegar os jornais. Fica-se a saber quão surpreendente era o aspecto, solitário e quieto, de Londres, depois que te foste embora; espanta haver táxis em filas, nas zonas de costume; e lugares onde se pode comer sem ter que se recorrer às bichas. Já não existe escassez de bilhetes para o cinema.

Que perseverança, meu caro Bill, no trabalho, nesta terra! Quanta ansiedade, nos nossos corações, de lermos as notícias da invasão!

Mas tudo isto faz parte da rotina da vida. E tu queres saber algo de substancial, mais transcendente: o que vai nos nossos cérebros, quando nos dirigimos para o trabalho.

Talvez compreendas que, pela primeira vez, desde Dunquerque, nós, londrinos, nos sentimos um pouco reconfortados. No sul, assistimos à batalha da Grã-Bretanha em que sobrevivemos ao «blitz». Tudo que aconteceu desde 1940, no norte da Europa reflectiu-se largamente nos nossos lares. Sentimo-nos um bocado ludibriados na parte que esperávamos desempenhar nesta invasão.

Ainda ontem, estive com alguns guardas nacionais. Conversamos e bebemos cerveja. Adivinhava-lhes nos rostos a tristeza que lhes ia na alma por haver chegado o grande momento e não poderem dedicar-lhe os seus serviços.

Estou contente por te poder dizer que se ouve, nas ruas de Londres, palmas nas costas e, nas janelas, flutuam bandeiras multicolors. Não se trata de falso orgulho no que possamos chamar «a nossa» façanha. Longe disso. Estamos bem cientes de que ocupamos um lugar na rectaguarda, e isso nos humilha.

Será difícil avaliarmos todo o interesse e atenção que nos merecem tu e os teus camaradas. Estais sempre presentes no nosso pensamento. Agora, que nos encontramos longe da batalha, os nossos olhos estão postos em vós, no avanço, ou na retirada, embora insignificante, de uma forma incomparável, antes desta ou de qualquer outra guerra.

Na noite de segunda-feira, tive-vemos um breve alerta em Londres (a primeira visita do adversário desde o dia «D» e coube-me a vez de vigiar os incêndios).

Um colega bombeiro voltou-se para mim, no telhado, apontou o céu, e murmurou sentimental: «Olha para essas nuvens. Parecem fantasmas que nos espreitam. É, por isso que quando vamos a Berlim fazemo-lo em noites de luar...» O homem ressentia-se do pouco auxílio que nós vos podemos prestar, Bill; só nos cabe, de instante a instante, esperar. Aguardar... Faço votos para que estas linhas te dêem uma ideia do que pensamos por cá. E espero que tenhas notícias de uma coisa acima de todas — a tua família. Só te posso dizer, de uma maneira geral, que, a despeito de toda a ansiedade, ela está magnífica. Felicidades.



O comandante Johnson das Forças Aéreas do Canadá já está em França



CEIFEIRO DO ALENTEJO



Um marinheiro e um soldado americanos e um piloto da R. A. F., em Hyde Park, vendo passar os naves

# REFLEXOS DO MUNDO

## Sob o fogo

Os chefes militares desta guerra estão expostos, como os soldados, ao fogo da primeira linha.

Nas suas freqüentes inspeções e visitas à frente expõem-se continuamente.

O general Montgomery como que despreza as balas e as granadas. O comandante em chefe da segunda frente, o general Eisenhower, embora afastado normalmente das primeiras linhas, pela natureza do seu cargo, vai sempre até ao primeiro posto de combate. Numa das suas últimas visitas, mal abandonara uma posição, já sobre ela incidia um intensíssimo fogo de barração dos alemães.

Sua Magestade o Rei Jorge VI, quando esteve na Normandia, assistiu, no quartel-general de Montgomery, a um bombardeamento da aviação inimiga e viu



Prisioneiros alemães são conduzidos, através das obras de defesa que eles próprios tinham construído, para os portos do Normandia afim de embarcarem para a Inglaterra



★ O sr. Henry Ashly Clark, novo ministro conselheiro da Embaixada da Grã-Bretanha, à sua chegada a Lisboa, com pessoas que o foram esperar

abater, bem perto, um aparelho nazi.

Na Grã-Bretanha, o comandante da defesa aérea e o marechal do ar Hill, por duas vezes, no seu «Spitfire», dirigiu as patrulhas contra as bombas voadoras, não estando menos ex-

como as que se produziram, freqüentemente, naquele verão que se seguiu o colapso da França.

Quando saíam de ouvir missa numa capela católica, 28 freiras abrigaram-se debaixo de uma escada. Nisto, rebenta uma bomba voadora que arraza o andar superior. As religiosas saíram do seu abrigo e, esquecendo-se do perigo que corriam, quando os destroços voavam por todos os lados, foram socorrer os fiéis que ainda se encontravam na capela.

No dia seguinte, era atingida uma maternidade. A directora ficou ferida, mas não abandonou o posto, dirigindo, calmamente, os trabalhos de salvação. As enfermeiras não pensaram em si, mas apenas nas doentes e nas crianças. Cada uma abraçou-se a três ou quatro pequerruchos e, protegendo-os com o próprio corpo, conseguiram assim poupar numerosos inocentes.

## «Spitfire» — o primeiro

Há quasi cinco anos que esta guerra assola o mundo. A aviação tem conhecido um desenvolvimento prodigioso: novos modelos de aviões têm surgido e os antigos têm sido melhorados constantemente.

O ataque com as bombas voadoras a semear a morte indiscriminadamente, veio demonstrar que «Spitfire» — vencedor da primeira batalha da Grã-Bretanha — continua a ser o melhor avião de caça. Com a sua extraordinária manobrabilidade, esse pequeno aparelho tem passado a guerra sem que nenhum aparelho

inimigo o consiga desalojar do seu lugar.

No dia 6 de Junho, quando se ia dar ao movimento libertador do Ocidente, uma esquadilha australiana de «Spitfires» abateu seis caças inimigos, sem perder uma só unidade.

Esta nova ofensiva inimiga veio mostrar o valor dos técnicos britânicos que construíram esse aparelho, antes de rebentar a guerra.



Crianças da Birmania veem com olhos de pavor, um bombardeamento japonês a uma aldeia da rectoguarda

posto que qualquer dos seus subbordinados.

Embora os chefes na guerra moderna tenham missão um pouco diversa da de há séculos, todavia, o espírito guerreiro que os anima fá-los desafiar o perigo com um sorriso calmo e superior.

## O heroísmo de Londres

A Defesa Civil de Inglaterra enfrenta uma nova campanha inimiga. Vêem-se cenas heróicas

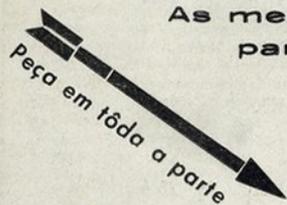


Numa localidade de França, conquistada pelos soldados ingleses vendo-se o monumento local aos combatentes da Grande Guerra

# LÂMINAS "BELZ"

SUIÇA

As melhores  
para barbear



LAMINAS: "GRETA,"  
« "HELVETIA,"  
« "VELOX,"  
« "SWISS,"

REPRESENTANTES: Rua Nova do Almada, 46-1.º

VENDAS POR GROSSO

Telefone: 2 9879



...aqui

# AMÉRICA



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
12.45	WRUS	30,9	WRUA	25,4	WKLJ	30,8		
13.45	WRUS	19,8	WRUA	19,8	WGEO	19,56		
14.45	WRUS	25,5	WRUA	25,5	WRUW	25,5	WBOS	19,7
17.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
18.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
19.45	WRUS	19,5	WRUA	26,9				
20.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEA	25,3	WGEX	25,4
a	(Meia hora de programa especial)							
21.15								
21.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WRUL	25,5	WKLJ	30,8
23.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19 e 45 às 20 horas.

*Emissões diárias*

# OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA



**V. Exca. Aceita Com  
Prazer. Mas Que  
Dirá O Seu Estômago?**

Evidentemente que ao pensarmos em ir passar uma "soirée" agradável, não nos deve atormentar o receio de que dores de estômago no-la estraguem. Se sofre do estômago: flatulência, eructações, etc., tome uma pequena dose de pó ou alguns comprimidos de Magnésia Bisurada. A Magnésia Bisurada neutraliza o excesso de acidez, que muitas vezes é uma das causas das más digestões, e deste modo, prepara o estômago para digerir bem.

DIGESTÃO ASSEGURADA  
com  
**MAGNÉSIA  
BISURADA**

A venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos a 15\$00 e 23\$00.

## Hollywood na guerra

A última vez em que Miss Tighe, correspondente de guerra, esteve na cidade, dedicou um chá pelo aniversário de uma amiga sua. Entre outros convidados, encontrava-se o capitão Clark Gable. No dia seguinte, Miss Tighe contribuiu para o esforço de guerra com a quantia de 250 shillings, declarando que era para a Cruz Vermelha.

Donde veio esse dinheiro? Nada mais nada menos do bocado restante do bolo do aniversário, que todos julgaram ser do Gable. Fora assim que Miss Tighe vendera cada fatia de bolo por um shilling.

E não só isso, o pequeno «pelo de arame» de Miss Tighe que até aí se chamava *Cablese* (em memória do seu primeiro dono, tripulante de um submarino) passou a chamar-se *Gable* — ou melhor, *Gablese* — pelos amigos cinéfilos da actual dona.

(News Chronicle, Londres)

## HUMORISMO DE GUERRA

### Nascimento e queda de um homem moderno

Aos seis meses . . . todo pulmões  
Cinco anos . . . todo ouvidos  
14 anos . . . todo mãos e pés  
21 anos . . . todo músculos  
45 anos . . . todo «soldado»  
90 anos . . . todo cadáver!

(G. B. W., Strand Magazine)

### Amor racionado

«Le Soir de Lyon» narra uma história de amor de 1944. A primeira vista parece um quebra-cabeças e para compreendê-la é preciso ter em conta que os cartões de racionamento franceses estão marcados, segundo os seus possuidores, com estas letras: J3 (adolescente); A (adulto); T (operário); C (proprietário); E (ciãncia).

Eis a história:

Um A apaixonou-se por um J3. Confessa-lhe a sua paixão mas, ó Deus, a rapariga responde-lhe: «Estou noiva de T». A, desiludido e desencorajado, deixou a cidade e partiu para a província, a fim de tentar esquecer J3. Aqui ele tornou-se um C.

Em pouco tempo, o noivo de J3 abandonou o emprego e passou a ser um simples A. Agiu sem pensar, o miserável! J3, imediatamente, desprezou o insignificante cartão de racionamento e foi para a província visitar o seu antigo admirador, C, que possuía muito para comer.

— Amo-o — declarou ela para ele. — Em dois meses já não serei uma simples J3 mas uma A. Então poderás casar. Venha conhecer os meus pais.

Dois meses depois casaram. Viveam felizes e tiveram muitos pequeninos Es.

(Por la Victoire, Nova-York)

# O HOMEM



CHURCHILL não é, especificamente, inglês. Embora a sua raiz física, mergulhe bem fundo no solo pátrio, haurindo tôdas as grandes virtudes rásticas, êle pode considerar-se pelo seu espírito e concepção política, a encarnação do homem ecuménico — o ser universal. Foi nesta guerra que o seu génio se revelou, embora a sua biografia heroica, pitoresca e animada venha já, rumorosa e espectacular, do século passado. Quando subiu pela primeira vez às cadeiras da governação, Churchill já vinha carregado de duras experiências e de gloriosas cicatrizes. Havia vivido e conhecera do mundo, não só as terras distantes, mas todos os homens e civilizações. A ilha britânica, eixo desta Europa que

é a parcela capital do planeta, ali onde tôdas as águas dos oceanos se reúnem era, sem dúvida, o ponto ideal para a aplicação do seu génio e da sua visão. Enriquecido de perspectivas, de observações, tendo vivido a vida e devorado, igualmente, as doutrinas, como as realidades, Churchill nunca defendeu ou praticou o isolacionismo do seu país, cuja escola fez época.

Interessavam-no menos os pactos internacionais, do que a colaboração franca, britanicamente timbrada de lealdade e compreensão. Ninguém como êle viu aproximar esta guerra, denunciando bem alto os seus preparativos. Foi o primeiro que avistou, na ilha, as sombras caliginosas que sombreavam a jovem república de Praga. Teve o condão de coordenar e interpretar os factos que chegavam ao seu conhecimento, dando-lhes uma projecção concreta, nos seus famosos discursos da Câmara dos Comuns. Ao estalar esta guerra, Churchill como que atinge a medida do seu próprio génio — do génio inglês. O primeiro a levantar-se do assombro — é êle! O primeiro, a empunhar o escudo — é ainda êle também! Na sua frente um país desarmado, devastado pelas forças aéreas do inimigo, mas contra isso, rompe, aguerridamente, fogo com as metralhadoras da sua formidável eloquência. São elas que ganham, quando não existem ainda armas, nem soldados, as primeiras batalhas. O velho leão inglês surge e, com o poder dialéctico dum grego, despista e engana o adversário. A vaga de assalto que caíra sobre a França é contida pela palavra veemente do *Homem-Churchill*. Mas não é o inglês quem fala; é o europeu, encarnando as idéas gerais de pátria, independência, dôr ou revolta, sofrimento ou alegria de exaltação, que o seu verbo inflamado e caudaloso ergue até às alturas. Qual a substância destas notáveis orações? Não, um estreito conceito nacional e partidário, mas uma verdade candente de idealismo. Churchill não alinha números, canhões ou tanks, não ameaça, nem estrangula, mas apela, num crescendo magnífico, para as virtudes latentes dos povos, recordando os velhos símbolos, os ideários e as doutrinas, das quais, afinal, a humanidade tem vivido, pelo menos, espiritualmente, emancipando a sua cultura e a sua civilização. Já não é a Inglaterra quem clama, nem a Europa, mas a consciência universal! Foi essa voz,

(Continua na pág. 30)

A. P.

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começam. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA





## CRISTOPHE DEMPSEY \*

**E**STE nome popularizou-se rapidamente na Grã-Bretanha. Foi a batalha da Normandia que lhe deu uma popularidade invejável. Como Montgomery, o nome Dempsey corre, agora, de boca em boca.

É ele que comanda o 2.º Exército britânico e foi o 2.º Exército britânico que desembarcou em 6 de Junho, nas praias normandas. Mas só agora estes factos foram revelados e Dempsey, que gozava de uma reputação merecida entre os seus chefes, camaradas e subordinados, se popularizou como um ou mais hábeis condutores de homens nesta guerra.

Dempsey tem, actualmente, 47 anos e detesta a publicidade. A sua paciência para tratar com os soldados é proverbial. Os oficiais novos que são colocados sob o seu comando tornam-se, rapidamente, não só seus amigos devotados mas discípulos convictos das suas doutrinas de guerra.

Quando rebentou a guerra, Dempsey era tenente-coronel. Seguiu com uma das primeiras unidades que foram para a França em 1939. A sua capacidade profissional valeu-lhe, logo no mês de Novembro daquele ano, a promoção ao posto imediato.

Depois da derrota da França regressou a Inglaterra e pelas provas de competência dadas foi encarregado de organizar uma das primeiras divisões blindadas que ali se constituíram em seguida a Dunquerque, em fins de 1942 passou a servir no Próximo Oriente, integrado no 8.º Exército que acabava de ser reorganizado e cujo comando fora confiado a Montgomery. Desempenhou um papel de relevo na batalha da Tunisia, no desembarque na Sicília e na primeira fase das operações em Itália. As provas que deu justificaram a sua promoção a generalato.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# A DECISÃO APROXIMA-SE

A batalha triangular prossegue num ritmo que mal poderiam sonhar ainda há pouco os que duvidavam da eficiência, da profundidade da estratégia aliada. A ocidente, os anglo-americanos abrem o caminho de Paris. Ao sul, os soldados de Alexander em Livorno e em Florença. A leste os russos aproximam-se dos limites da Prússia Oriental, berço da Alemanha dos nossos dias.

\* \* \*

Há mais de um ano e meio, desde Alamein, que os adversários do Eixo vinham aperfeiçoando os seus métodos adextrando os seus hemens, forjando as suas armas. Eram os elementos essenciais que haviam de lhe dar a vitória quando surgisse a provação suprema. Nenhum deles faltou na hora própria.

Entretanto, o clima da guerra modificava-se radicalmente. Em seis meses, a campanha submarina estava vencida, a Alemanha era inundada pelo pêso dos ataques aéreos, os exércitos aliados estabeleciam, na Grã-Bretanha, no Norte de África e na Rússia as plataformas seguras de onde seria possível deferir os golpes finais.

Há um ano a evolução da luta tornou-se clara. A Itália abandonou o seu Aliado e passou para o campo oposto. O caminho do Mediterrâneo foi reaberto à navegação. O continente africano apareceu limpo de combatentes do Eixo. A aliança germano-italiana ruuiu estrondosamente. Era um capítulo novo da história que se abria.

\* \* \*

Quando em princípio de Maio deste ano o general Alexander deu ordem para avançar, a decisão estava já à vista. Em volta da fortaleza a que o inimigo se recolhera, milhões de homens armados e adestrados esperavam apenas o sinal para realizar o esforço convergente e concertado que havia de lhes permitir alcançar rapidamente a vitória. As operações militares, desde esse momento, desenvolveram-se com um vigor crescente, com uma ciência inegalável e com uma fé ilimitada.

O ponto culminante foi assinalado pelo desembarque na Normandia. A ideia duma muralha do Atlântico invencível sumiu-se em poucas horas. Com um apoio aéreo e naval sem precedente, inglês, canadiano e americano desembarcaram na Normandia como em Salerno e na Sicília.

\* \* \*

Em dois meses, de meados de Maio a meados de Julho, o caminho andado pode admirar-se em qualquer mapa, os estragos produzidos na máquina de guerra do inimigo podem avaliar-se pela leitura dos números oficiais publicados; a grandeza dos factos ocorridos pode lêr-se uns relatos laconicos das agências ou nas páginas entusiásticas dos correspondentes de guerra. Pela primeira vez os aliados realizaram, uma estratégia assente pelos seus Estados Maiores até os mais insignificantes pormenores.

O OBSERVADOR

## Façonhas de guerra

Uma patrulha britânica, da qual faziam parte o sargento Conrad, os cabos Albert Jones e Ruse e o soldado John Camp foi encarregado de estabelecer contacto com um acampamento americano que se encontrava a uma certa distância regular. Um deles falava correntemente o alemão. No caminho, utilizou outra vantagem para falar à guarnição duma posição fortificada que tinha, até certo momento, constituído um dos mais sérios obstáculos ao avanço dos anglo-americanos naquela região. Da conversa resultou a rendição dos soldados que guarneciam a posição fortificada e cujo número ascendia a algumas centenas.

## Uma mulher

Uma mulher francesa, que vagueava na região de Saint Mère Eglise, foi identificada pelas tropas aliadas. As suas intenções não estavam bem esclarecidas. Era uma esposa ou era, apenas, a mãe de algum soldado que caíra no campo da honra. Quando o caso se esclareceu, também ela havia feito alguns prisioneiros no meio da perturbação geral.

## Uma carta

Passagens duma carta escrita pelo tenente McElwaine, a sua esposa:

«Tudo aqui caminha bem. Reso por ti e pelos nossos tanks. Graças a Deus continuamos tão bem quanto os nossos amigos podem desajar. Não tem chovido muito. A R. A. F. tem estado terrível. Sem ela não nos podíamos agüentar. Cada vez tenho um respeito maior pela nossa força aérea. A primeira hora da manhã somos os senhores do céu.»

## Romance de amor

Zoe é uma rapariga que tem dezóito anos. Quando a guerra alcançou a sua aldeia tinha-se casado há pouco tempo. Levaram-lhe o marido, como prisioneiro de guerra, e fizeram dele um soldado para combater no campo inimigo. Zoe seguiu-o apaixonadamente.

Quando ele, vindo das terras misteriosas da luta, chegou a França, combatendo sempre, não o pôde ver mais.

A invasão surgiu e com ela a esperança no coração de Zoe. Foi um soldado americano que lhe serviu de intérprete para esclarecer a situação do marido feito prisioneiro de guerra, pela segunda vez, na Normandia. Zoe sabe agora que seu marido será libertado e que regressará com ela à aldeia humilde onde se separaram.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de Mundo Gráfico, L<sup>a</sup>

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.<sup>a</sup>, Travessa do Oliveira, 4 e 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOZO

Preço 1950

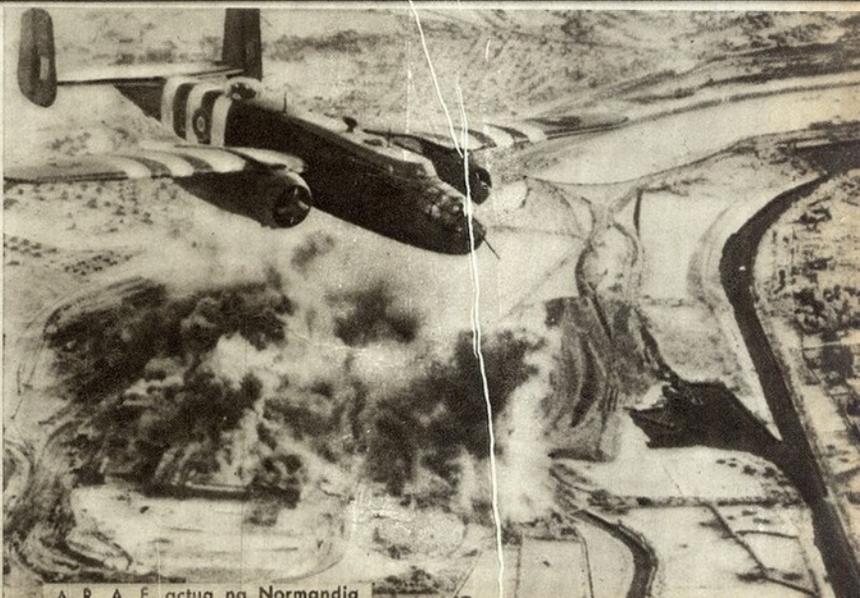
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# A BATALHA DA NORMANDIA



TROFÉUS DE GUERRA

A data de 6 de Junho de 1944 assina uma viragem decisiva na história desta guerra. Em 22 de Junho de 1940, o armistício com a França marcou o início da dominação do Reich no continente. Em 18 de Agosto daquele ano, a derrota da Luftwaffe sobre a Grã-Bretanha era o final da reacção que depressa se propagaria ao resto do mundo. Em 22 de Junho de 1941, a entrada das tropas alemãs na Rússia assinalava o começo duma batalha sem precedente pela sua violência, em que a Wehrmacht seria levada a abandonar a território que tinha ocupado. Em 7 de Dezembro desse ano, os Estados Unidos entravam na guerra. Em 23 de Outubro de 1942, a batalha vitoriosa de Alamein era a primeira pedra da ofensiva que devia conduzir à vitória. Em 8 de Novembro, ingleses e americanos desembarcavam no Norte de Africa criando a plataforma da invasão no sul da Europa. Em 26 de Maio de 1943, a vitória da Tunísia liquidava a campanha africana do Eixo. Em 6 de Junho de 1944, os Aliados desembarcavam no ocidente da Europa. Estava criada a segunda frente.



A P. A. F. actua na Normandia



Na França, um soldado inglês, entre as ruínas de uma casa, vigia o canal de Caen



Depois da batalha de Isigny, que foi das primeiras cidades a ser conquistada pelas Nações Unidas. Pouco a pouco, os habitantes voltam aos seus domicílios

Há cinco semanas que se luta na Normandia. Dos combates travados é possível tirar, desde já, algumas conclusões preciosas. A primeira dessas conclusões é que os Aliados desembarcaram e não foram lançados ao mar. Mas não fora ela já tirada com os feitos da Sicília, da Calábria, de Salerno e de Anzio?

Em segundo lugar, afirmou-se, definitivamente, a superioridade dos Aliados. As unidades ligeiras inimigas não conseguiram, sequer, embaraçar os movimentos de desembarque. A aviação anglo-americana, apesar das condições atmosféricas desfavoráveis, dominou o campo de batalha, desorganizou as rearguardas, bombardeou sem oposição as vias de comunicação.

A terceira conclusão resulta do facto de ter sido desembarcado com os contingentes numerosos que puzeram pé

*(Continua na pág. 29)*



Os desembarques, em massa, continuam na costa francesa. A conquista de Cherburgo veio, porém, facilitar enormemente essa tarefa

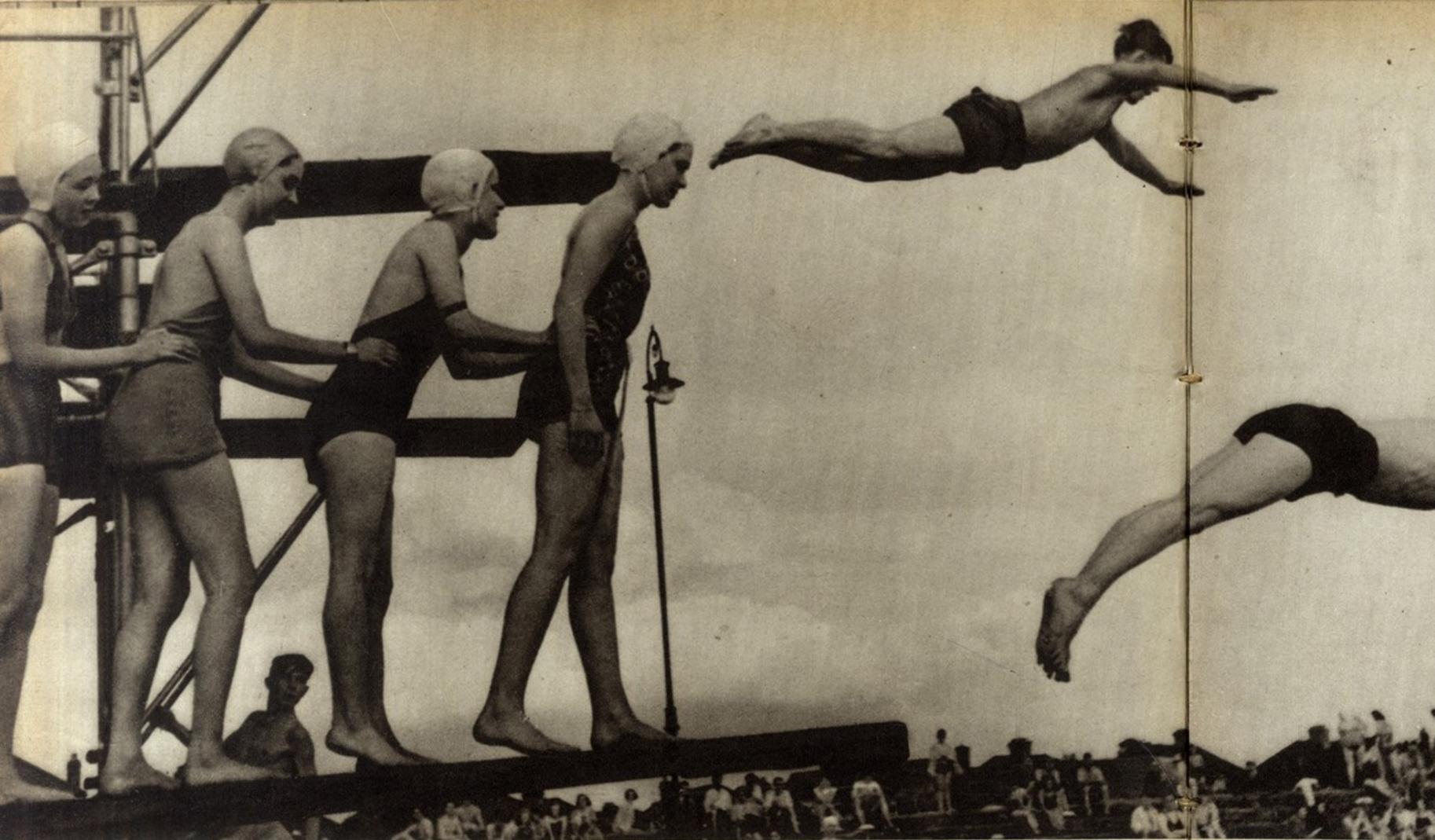
Os soldados ingleses protegem as crianças





## A EPOPEIA DE LONDRES

Uma mulher da Defesa Civil Britânica salva heróicamente uma criança das chamas duma casa atingida pelo fogo indiscriminado do inimigo



*Sem qualquer receto, estes corpos admiráveis, modelados pelo ginásio azul do mar, vão lançar-se da prancha, a vinte metros de altura*

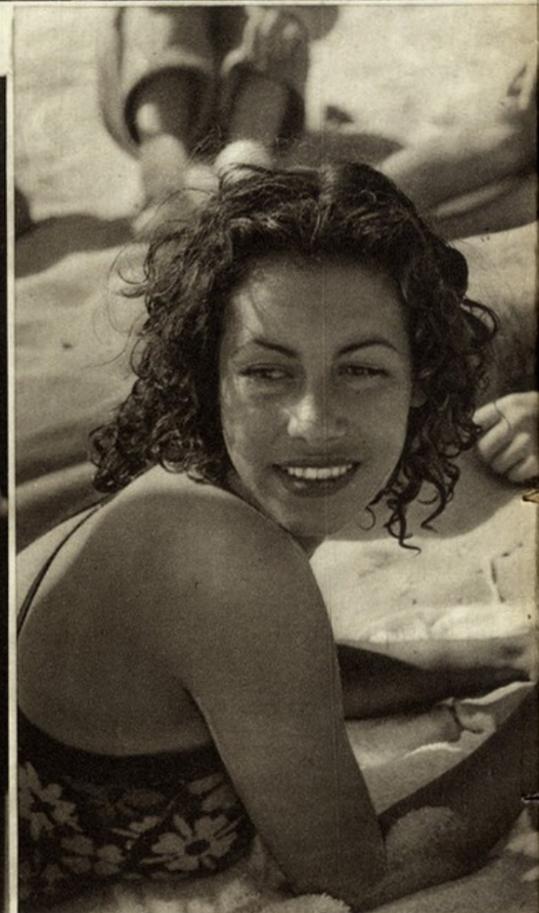


*Chapéus de palha de Itália vendo passar o comboio do Estoril*

# SORRISOS AO SOL



*Depois de uma hora de natação, um duche de água doce, provoca um sorriso de bem estar*



*Sr. fotógrafo, não seja indiscreto! O sol atacou esta graciosa morena, que parece agora um ébano precioso*

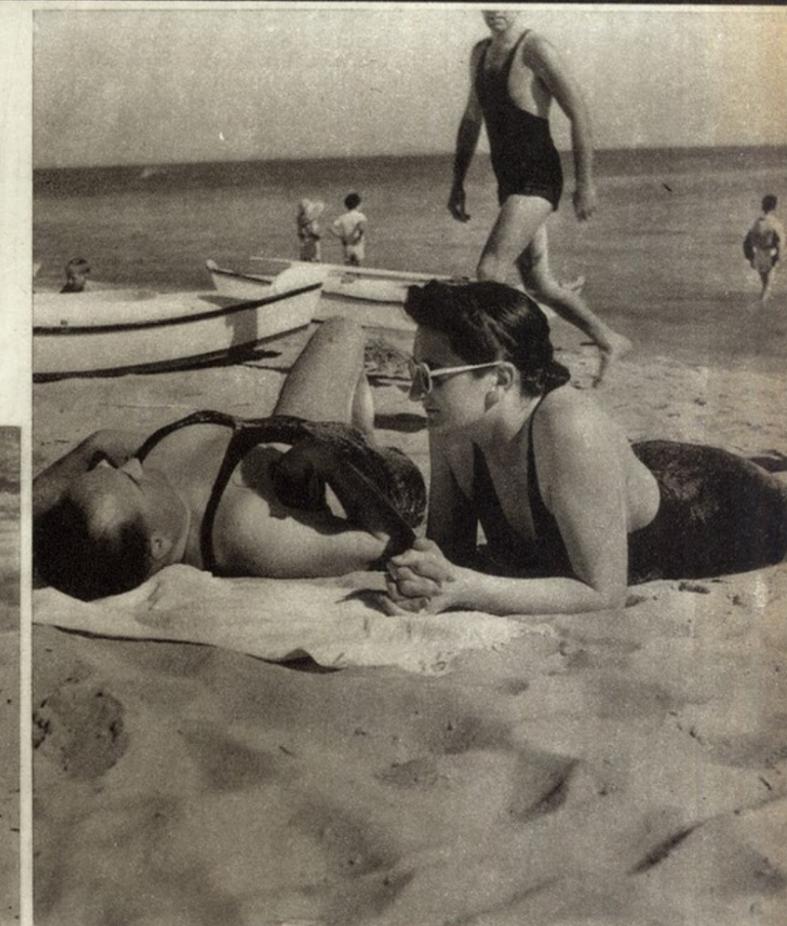
VÊNUS deixou o Chiado, asfixiante de calor, e tomou o comboio de Cascais, saltando numa estação do percurso. Foi direita à praia, trocou o vestido estampado por um «maillot» sintético, duas sílabas de tecido de malha, e aceitou ao aliciante convite do mar. Depois do banho, forte como um abraço masculino e reconfortante como uma certeza de alegria e saúde, estendeu-se na areia, em atitude lassa e sonolenta, sorrindo ao sol.

Por tôdas as praias da linha do Estoril, como de resto por tôdas as praias portuguesas, do norte a sul, nessas sucessivas e animadas varandas do Atlântico, todos vivem ao sol, numa gratidão merecida. O estio vai generoso de luz, esbanjando ouro por tôda a parte, milionário que não quer tristezas à sua volta. A vida elogia a própria vida, satisfeita de existir, mirando-se nos olhos radiantes de felicidade. Estamos em

*(Continua na página 30)*



*O mar estava forte, mas as nadadoras venceram-no numa animada corrida de crawl*



*Depois do banho, os corpos enxugam-se à chama do sol de julho*

# EM TODAS AS FRENTES



## O AVANÇO NA ITALIA

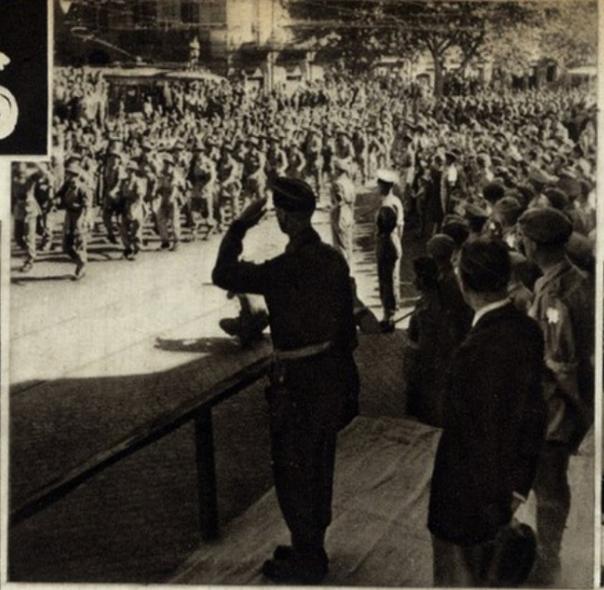
Em cima, a entrada dos ingleses em Perugia; à direita, um soldado do 5.º Exército, com um novo morteiro



## ENFERMEIRAS INGLÊSAS



Duas raparigas britânicas dos Serviços de Saúde, que já se encontram em França prestando serviços



O general Clark, comandante do 5.º Exército, assiste em Roma ao desfile do famoso regimento inglês «Duke of Wellington»



Prisioneiros alemães passam numa das ruas de Cherburgo depois da conquista da cidade pelas tropas americanas

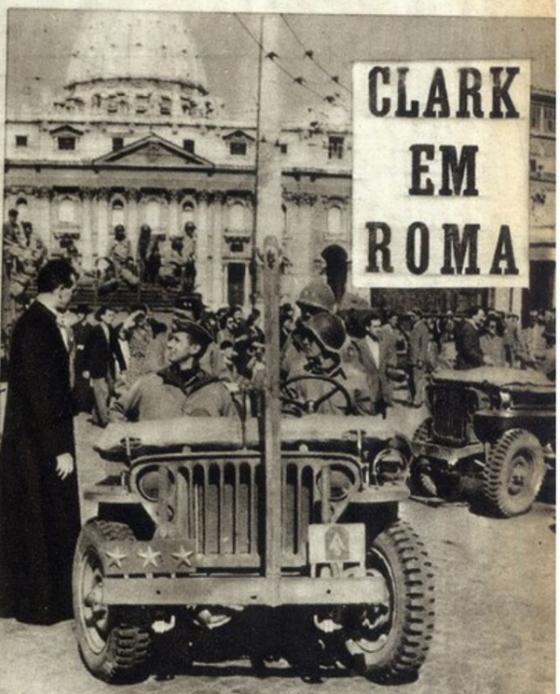


Uma nova arma britânica. Este tank tem um dispositivo especial que lhe permite limpar o terreno das minas

## A ACÇÃO DO 8.º EXÉRCITO



Os soldados do 8.º Exército conquistam à baioneta o aeródromo de Aquino, na Italia, um dos principais campos do inimigo e do qual as forças aéreas das Nações Unidas podem atacar os Balcãs e o sul da Alemanha



O general Clark depois da visita que fez a Pio XII

## A LUTA NO ORIENTE



A luta na Birmânia. O objectivo japonês foi atingido em cheio pelos aviões ingleses

## UM TANK MINIATURA

O marechal Tedder e o vice-marechal Broadhurst observando um tank miniatura do inimigo, apreendido a uma unidade que foi destruída. Essa arma nazi não teve eficiência militar



Um Beaufighter em acção sobre território ocupado pelo inimigo

## VITÓRIA NO MAR



Em cima, um curioso aspecto de um forte do porto de Cherburgo, depois de desmantelado pela artilharia e pela aviação; à direita, um submarino nazi afunda-se sob as bombas de um bombardeiro inglês





*Engalanada com o seu lindo traje regional, vermelho e preto, que parece uma foguetra, a sua oferenda é um cruz e uma âncora de pétalas*



*Procissão florida, na aldeia em festa*

## AS OFERENDAS

AS oferendas são lindos cortejos de graça campestre que, no dia dum orago simpático, atravessam as ruas e os campos do verde Minho. A procissão sai do adro florido, andores, pálios, confrarias, entre foguetes rebentando, no céu azul, onde deixam grandes pastas de fumo, e atrás, anjos, de humanidade traquina e morena com grandes azas roçagantes, promessas, que a fé cumpriu, e, no fim, em teoria, as "oferendas" — grandes cestos de vime, enfeitados e decorados a capricho, numa tapeçaria de flores, onde se desenharam caravelas, armas e escudos de Portugal. É um característico costume minhoto, que, de certo modo, evoca o cortejo das panateneias, nos frisos da Acrópole. Simplesmente, o sentido espiritual é outro a que a nossa paisagem ri-dente e a devoção simples do nosso povo emprestam uma beleza sem par



*Ao fundo, na ermida os sinos tocam. O cortejo das promessas, num ritmo coreográfico, avança vagarosamente e há galhardetes, fesiões, bandeiras, numa profusão*



*Cada cesto foi decorado de sua maneira. A arte popular feminina rivalizou em graciosas maravilhas de ternura e sentimento*



Dois mutilados, um com o braço direito amputado abaixo do cotovelo, e o outro com o esquerdo cortado pelo ombro, trabalham perfeitamente com os seus aparelhos de prótese

## O TRATAMENTO DOS MUTILADOS

por L. E. SESSEL

O futuro dos inválidos de guerra é um problema difícil que exigirá cuidadosa atenção depois da vitória. A obra maravilhosa realizada pelo Hospital da Rainha Mary, em Roehampton, próximo de Londres, depois da outra guerra, permitiu a numerosos mutilados, privados de um ou de mais membros, de suprimir essa desvantagem, de gozarem todo o conforto e de retomarem um lugar útil no mundo do comércio e da indústria. Depois de terem recebido no hospital o tratamento necessário, os mutilados recebem um aparelho de prótese cientificamente concebido e engenhosamente construído para satisfazer às suas necessidades individuais.

O Hospital da Rainha Mary existe apenas há trinta anos, mas é já a primeira instituição do género no mundo e a sua reputação é internacional. De facto, a Grã-Bretanha não tem rival no domínio da prótese e essa superioridade aumenta em cada dia, devido aos melhoramentos constantes que a experiência actual permite.

Essa experiência e os seus resultados foram postos à disposição dos serviços médicos das Nações Unidas. No princípio deste ano, quando da inauguração de um grande melhoramento devido ao doutor Wellington Koo, embaixador da China, estavam presentes os representantes dos serviços médicos de numerosos países aliados, como os Estados Unidos, a China, a França, a Bélgica, a

(Continua na pág. 29)



Este é um torneiro muito hábil. Repara-se como «segura» o compasso e pode fazer os movimentos necessários ao seu trabalho



Numa das oficinas do Hospital da Rainha Mary constroem-se pernas artificiais.



O cruzeiro florido da igreja de Santo Estevam é um símbolo de fé que fortalece a alma das raparigas em noites de bailarico



Completada a cena com mais grandeza, a foto dar-nos-ia a ideia de um quadro estudante na «porta férrea»



Um curioso ângulo de graça arquitectónica. Numa face vê-se a conhecida casa das colunas

Quadro que evoca qualquer coisa de romântico. A Julieta sonha com o Romeu... invisível



Talvez o leitor nunca houvesse reparado nesta jóia. Referimo-nos à delicada e graciosa janela da direita



De este ponto apreende-se uma ampla visão cenográfica. Ao longe, o Tejo adormece sob um claro azulino de luar



Quem sabe se os nossos navegadores deram ao construtor deste prédio um sentido decorativo

# ALFAMA

PODEM vir todos os reformadores, todos os «bota-à-baixo» todos aquêles que pretendem com um decreto ou uma opinião, acabar com que o burgo contém de típico e tradicional, que nem mesmo assim conseguem destruir o que Lisboa tem de mais encantador: a tradição.

Não se derrubam séculos de lutas, de épocas vividas de páginas sentimentais, com êste impertinente: — modernizou. Até porque êste verbo nem sempre cumpre exacto significado.

Deixem de maldizer da feição dos bairros de Lisboa. Que não são reflexos da Poesia sabêmo-lo nós. Que tem defeitos? que não acompanham no seu progresso arquitectónico as grandes avenidas onde se erguem, à moda de gavetas, altos edifícios de formas rectilíneas, assim parecidas com transatlânticos?

De facto, assim é.

Têm, no entanto, êsses bairros melancólicos uma oculta alma que só aos que por lá passaram, ou viveram a amar, a sonhar, a cantar e a sofrer, poderão desvendar.

Para as pessoas das grandes e modernas avenidas a citação de Alfama ou da Mouraria, pode enchê-las de injustificado receio. Mas se os rumores e os bairros azuis ou de qualquer

outra côr de conveniência elegante chega a Alfama, à Mouraria ou à laboriosa Madragoa, logo o riso das suas bairristas gentes se ouve livre e claro com um telintar de guizos simbolizando a troça salutar do povo.

Contudo não tome o leitor a mal estas considerações mais do coração do que do raciocínio. E, confessado o pecado, sempre lhe diremos que muito gostamos das avenidas novas, mas muito mais, muitíssimo mais, improvavelmente mais de Alfama, da Mouraria, da Madragoa. A justificar o quanto lhe queremos está o exagêro superlativo com que demonstramos o nosso querer.

Se o leitor se der ao cuidado de um confronto, cremos que ficará a concordar connosco.

Não é verdade que quando lhe sucede passar pelas avenidas novas o faz rapidamente sem atender muita vez ao ambiente do local e à fisionomia das casas?

Pois, se lhe der para visitar qualquer dêsses bairros populares a que acima aludimos, temos a certeza que por êles se perderá a olhar uma janela florida, uma cena delicada da rua, um recanto a lembrar gravura antiga de romance ingénio, ou a tentar decifrar, confundido, um monumento arquitectónico que nem sempre classificará.



Neste aeródromo que os alemães ocupavam junto de uma localidade francesa, que os soldados britânicos conquistaram flutua agora a bandeira inglesa



Montgomery — o herói de África e de França — veste o seu casaco de pele para um vôo de reconhecimento sobre a frente de batalha.



Nesta brecha de um muro, os ingleses instalaram uma metralhadora ligeira



Uma coluna de blindados ingleses abre caminho através do fogo dos morteiros inimigos

A  
SEGUNDA

FRENTE



Ao fundo, vê-se Cherburgo, com o seu maguifico pôrto de mar, onde desembarcam agora torrentes de material de guerra. Os soldados americanos entram na cidade



Nestes veículos anfíbios desembarcaram muitos soldados das Nações Unidas nas praias normandas, que prosseguem agora no seu avanço para o interior da França



Soldados ingleses em operações na



vila normanda de Saint Mauvieu



Centenas de soldados alemães, dos muitos milhares que foram aprisionados na Normândia, embarcam a fim de serem conduzidos para a Grã-Bretanha

# CINEMA da FEIRA

○ Cinema Vitória é uma das maiores atrações da Feira Popular. Todas as noites são intermináveis as "bichas," para se conseguir um lugar em qualquer das três sessões e, o certo é que, muitas vezes não poucas pessoas têm de esperar pelo dia seguinte para poderem ver os magníficos documentários de actualidades internacionais e os belos filmes culturais ingleses e americanos que ali se exibem. Não são apenas as mais flagrantes imagens da guerra em todas as frentes da batalha, em terra, no mar e no ar, que passam no ecrã do Cinema Vitória. São também os mais diversos aspectos da vida britânica e dos Estados Unidos — a sua indústria,



*Todas as noites muita gente aguarda entrada para as sucessivas sessões no Cinema Vitória*

a sua cultura e o esforço de guerra das Nações Unidas.

Cada semana — pois cada programa dura sempre esse espaço de tempo, — são novos e grandes êxitos que a agradável casa de espectáculos oferece.

Ao domingo, como é muito maior a afluência de público, o Cinema Vitória dá quatro sessões consecutivas, com os mesmos programas. E quem vai à Feira — o recinto mais agradável para o lisboeta encalorado — não pode deixar de passar pelo Cinema.

As imagens que ilustram esta página dão eloquente idéia da maneira entusiástica com que o público allui e assiste às exhibições do Cinema Vitória, na Feira — o recinto mais agradável que Lisboa tem, nestas noites escaldantes.

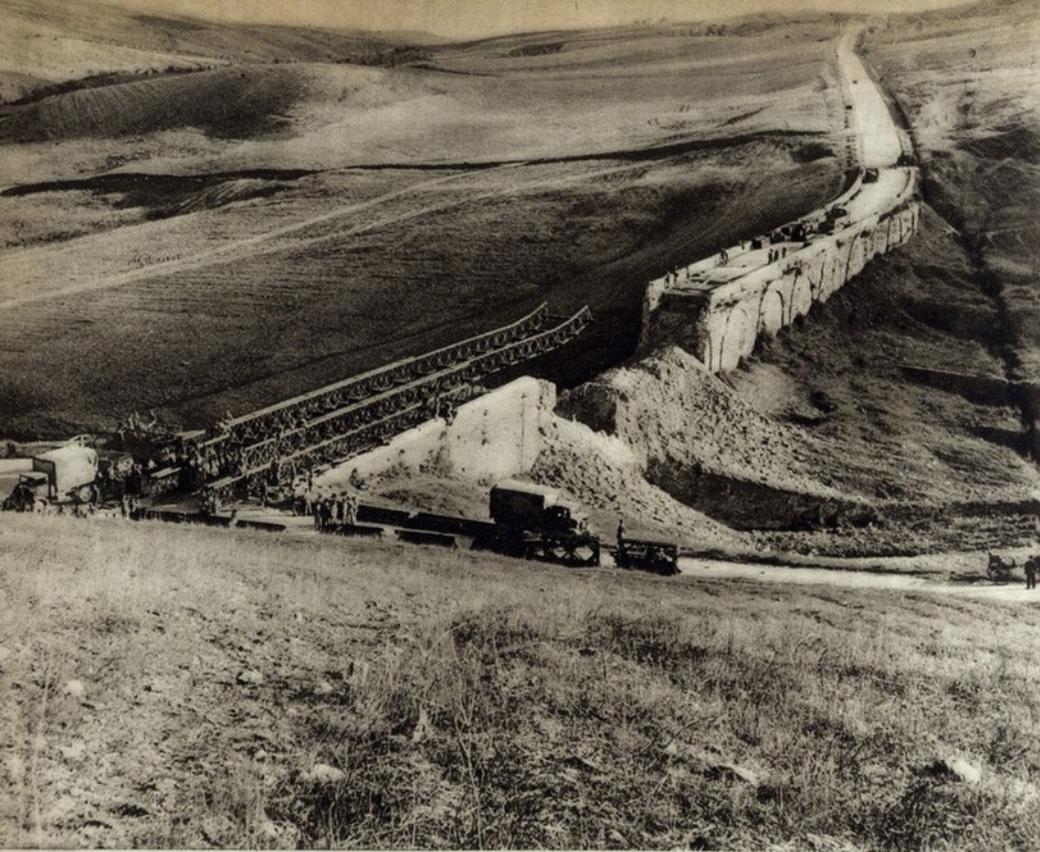
*assistência segue com interesse as imagens de um documentário*



*Outro aspecto da assistência*



*A entrada para o cinema*



A ponte Baley, que permite a passagem de qualquer rio, até 50 metros de largura, sem auxílio de pontões. Desmancha-se em secções de três metros de comprimento e a parte mais pesada pode ser transportada por seis homens. Montgomery considera-a a melhor que existe



Uma das primeiras pontes de ferro construída na Grã-Bretanha, que é um modelo de engenharia no género



A velha ponte de Dartmoor, uma das mais antigas de Inglaterra

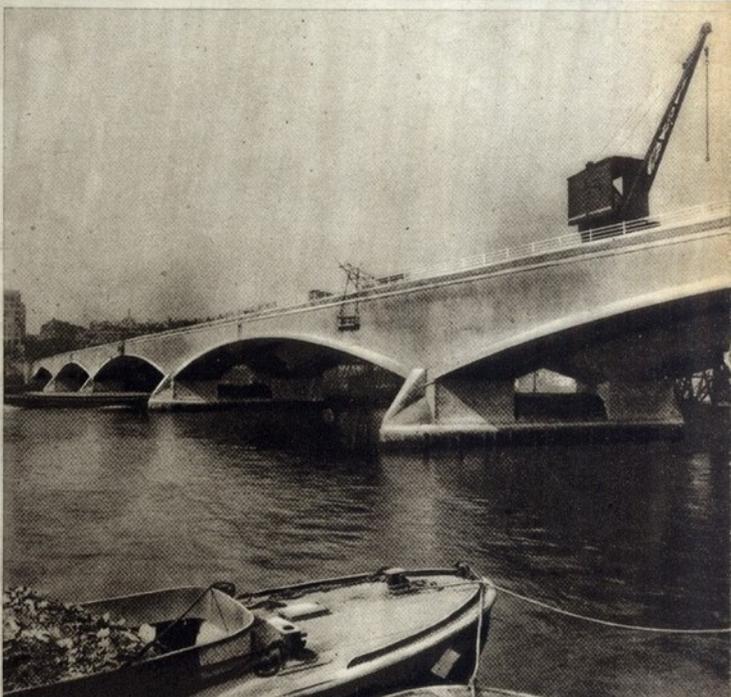
**D**URANTE muitos séculos foram a madeira e a pedra os materiais quasi exclusivamente empregados, na Grã-Bretanha, na construção de pontes. As mais antigas, atravessando pequenos cursos de água, só permitiam a passagem de homens e animais, tão estreitas eram.

A primeira ponte de ferro que a Inglaterra possuía foi a que passa sobre o Severn, em Coalbrookdale, tendo sido construída em 1777 por Abraão Darby.

Telford, génio da engenharia, fez a sua primeira ponte de ferro fundido cerca de vinte anos mais tarde, em Buildwas, mas a sua obra mais notável, como construtor de pontes, é a de ferro forjado que atravessa os Menai Straits. A Forth, desenhada por Sir William Fowler e Sir Benjamin Baker, completada em 1890, é a maior ponte de aço da Grã-Bretanha.

Mais desenvolvido conhecimento acerca da eficácia dos materiais e a introdução do cimento armado como material de construção deram aos engenheiros ingleses novas possibilidades de projectos e, conseqüentemente, grandes vantagens.

# ATRAVÉS DOS SÉCULOS



A maravilhosa ponte de Waterloo, construída já depois da guerra, em 1942

# PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



## O QUE SE USA



*Mas o mesmo, visto que a moda vem conservando as suas linhas gerais. No entanto, há os pormenores que lhes dão vivacidade e tom diferente, que a ninfam de cintilações novas e de ineditismo. Vejamos.*

*Simplicidade e bom gosto. Eis dois modelos que as nossas leitoras, de certo, consideram irresistíveis*

**Maggy Rouff** — Saia-calça, dissimulada sob a saia com muita roda. Para de tarde: manga-presunto curtinha, saias plissadas, com casacos em tons diferentes, e vestidos pretos guarnecidos largamente a bordado inglês.

**Janne Lanvin** — Vestidos de tarde, em jersey com o drapé, no corpo, formando colar. Manga pagode, bolero-blusão, com bastante roda nas costas, onde é preso, e solto na frente. Bordados de Bisânção.

**Paquin** — Empiècements nos ombros e nas ancas, trabalhados com pregas em todos os sentidos. Muito escocês. Côres preferidas em conjunto: gris e amarelo.

**Alix-Marcelle Tizeau** — Muitos casacos claros. Vestidos em jersey e tricot misturados. Estampados com aventais drapejados. Pormenor engraçado: num vestido liso, uma grande algibeira drapeada na frente da saia.

## CASA QUEY

*Hosiery Spécialits*

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

**Lucien Lelong** — Adopta o fourreau animado por cintos, charpas, corselets, faixas, folhos tripos e quádruplos, em tons diversos. Bastante movimentado o bolero, em geral fixo atrás e blusão. Mangas muito curtas e, por vezes, sua ausência.



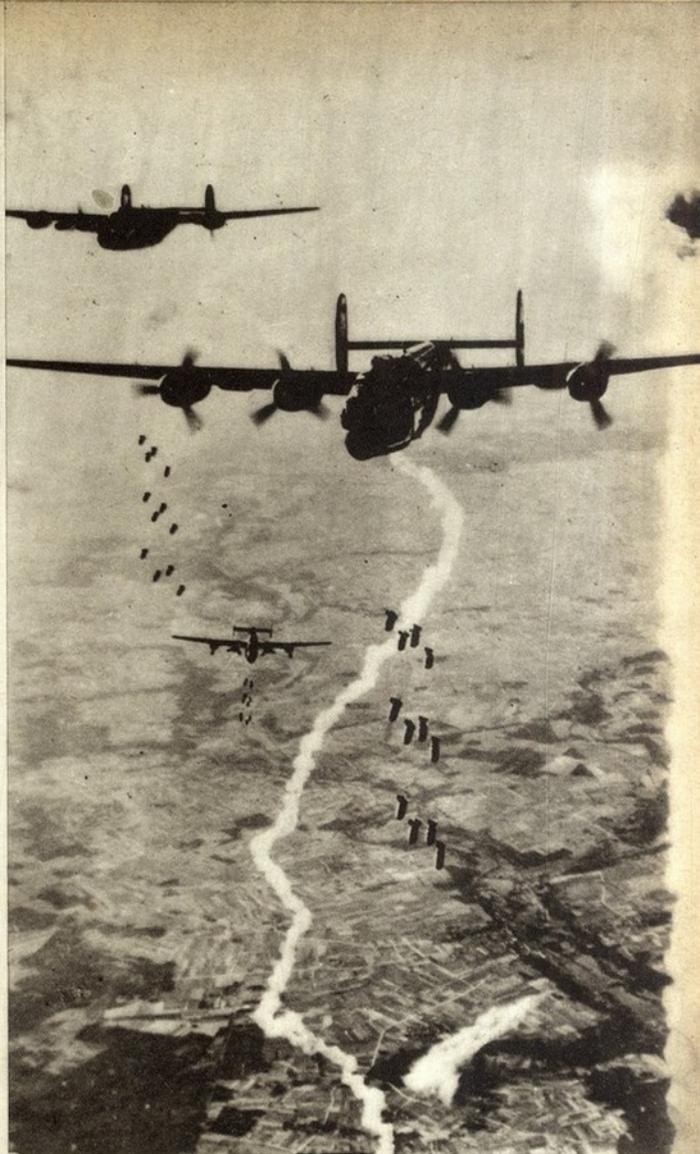
Um elegante vestido de tarde  
← Um admirável vestido de noite inspirado numa toilette nupcial



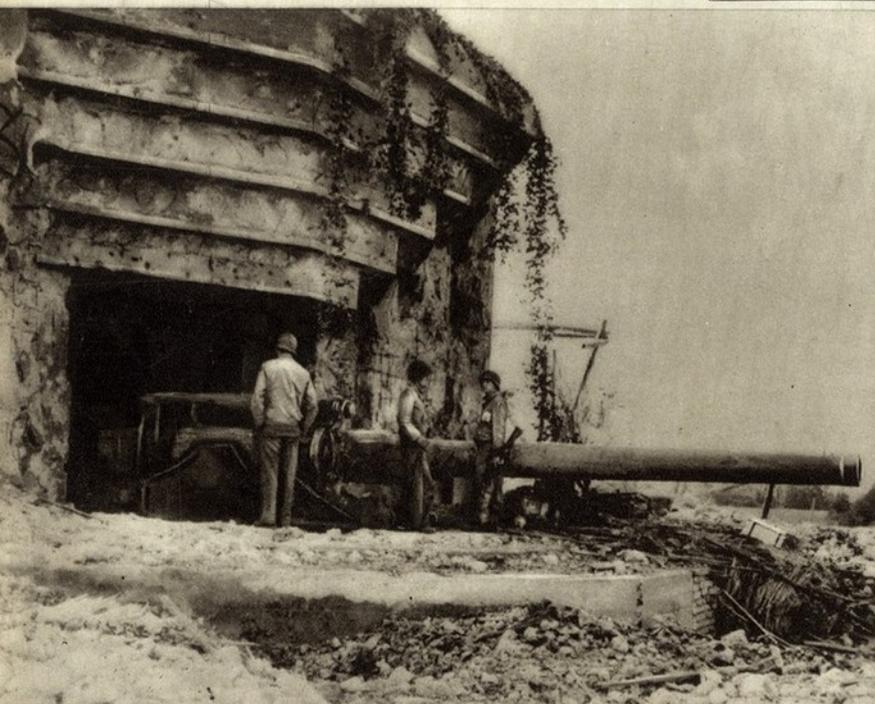
Mais um planador — da imponente esquadra aérea que atravessou o Canal — vai partir para França. Os comandos ingleses, antes de embarcarem, mostram o seu optimismo e bom humor na fuselagem do aparelho

# A CONQUISTA DE CHERBURGO

A conquista de Cherburgo representa a chave da invasão da França. Terceiro porto militar daquele país, com dezenas de quilómetros de cais acostáveis e toda uma aparelhagem fácil de reparar, ou de instalar, rapidamente, Cherburgo era um ponto primordial a obter, para o desenvolvimento das operações. Enquanto em Caen, Montgomery fixava o grosso dos blindados alemães, aliviando assim a rectaguarda americana, as tropas de Bradley, numa manobra frontal, de grande estilo, rompiam, sucessivamente, as defesas da grande cidade, na qual os alemães sacrificaram mais de cinquenta mil oficiais e soldados. Com a posse de Cherburgo, tudo vai bem agora. Nele poderão desembarcar em ritmo progressivo os quatro milhões de homens que ingleses e americanos têm concentrados na Ilha, com o seu poderoso e inumerável material de guerra.



Bombardeiros «Liberators» despejam poderosas bombas, apoiando o avanço dos americanos sobre o grande porto de mar da Normandia



Este era um dos canhões alemães da defesa de Cherburgo. A artilharia americana e a esquadra inglesa fizeram-no calar

A humanidade dos americanos. Os soldados vitoriosos acaresciam uma pequenina francesa de uma cidade libertada





A entrada da gruta quando começaram os trabalhos



Um curioso vaso encontrado na necrópole



Outro vaso, éste de tipo campaniforme, com artisticas incisões

## HÁ 3500 ANOS

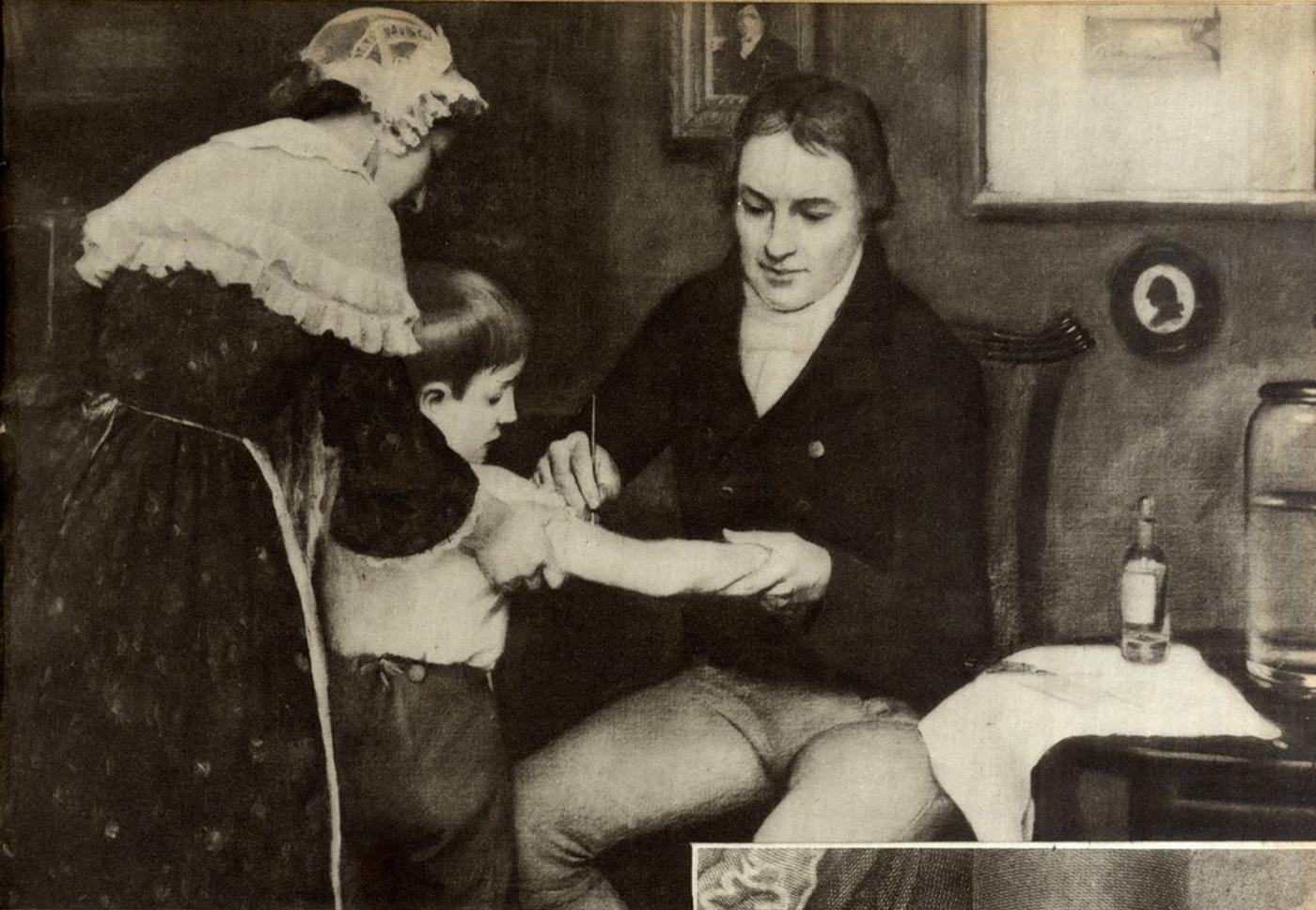
A descoberta não deixa de ser sensacional. Em São Pedro do Estoril, encantadora estância balnear, ao alto duma enorme falésia, cuja parede cai a pique sobre o mar, o ilustre engenheiro sr. dr. Leonel Ribeiro deparou com uma gruta natural, que servia de necrópole ao homem pré-histórico. Laboriosamente, removeram-se as terras que a obstruíam, em grande parte, e os achados surgiram tão valiosos como numerosos.

Isto significa que há trinta séculos, senão quarenta, já a famosa Costa do Sol era um local preferido pelos remotos habitantes do solo de Portugal. De resto, a caverna, virada ao mar, como uma atalaia, tem qualquer coisa de simbólico na sua localização. Ali se abre o azul infinito, nestes dias maravilhosos de sol, do céu e do mar, no mesmo cenário imaculado e límpido. As escavações do sr. dr. Leonel Ribeiro, que têm sido assistidas pelos srs. Abade Jalhy, dr. Fausto de Figueiredo, capitão Afonso Paço, tenente Carvalho Branco — que parece ter batido o record dos achados — Francisco Esteves, Francisco Leote, Alfredo Samuel, Nogueira Martins e outros, têm dado os mais proveitosos resultados.

(Continua na pág. 30)



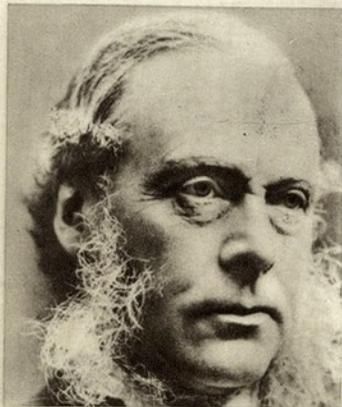
Os esqueletos dos homens da idade neolítica chegaram até nós



Edward Jenner, continuando a obra de Sydenham, que descobriu a imunização contra as doenças infecciosas, vacinou, com êxito, em 1696, uma criança de oito anos

# A MEDICINA BRITANICA

por MC NAIR WILSON



O sábio inglês William Harvey, que descobriu a circulação do sangue

A medicina britânica baseia-se mais no estudo do homem são do que no estudo do homem doente. Os seus mais ilustres pioneiros praticaram assim. Foi o caso de William Harvey, que descobriu a circulação do sangue, como de Sydenham e de Jenner. Harvey era médico de Carlos I, ao qual dedicou a sua obra «De motu Cordis». Nela demonstrava que o sangue circula através do corpo, do coração aos órgãos, pelas artérias, e regressa ao coração pelas veias. Harvey mostrou ao mundo a imagem de um sistema transportando o oxigénio e a alimentação até às células mais afastadas e expulsando os produtos eliminados, tanto gasosos como

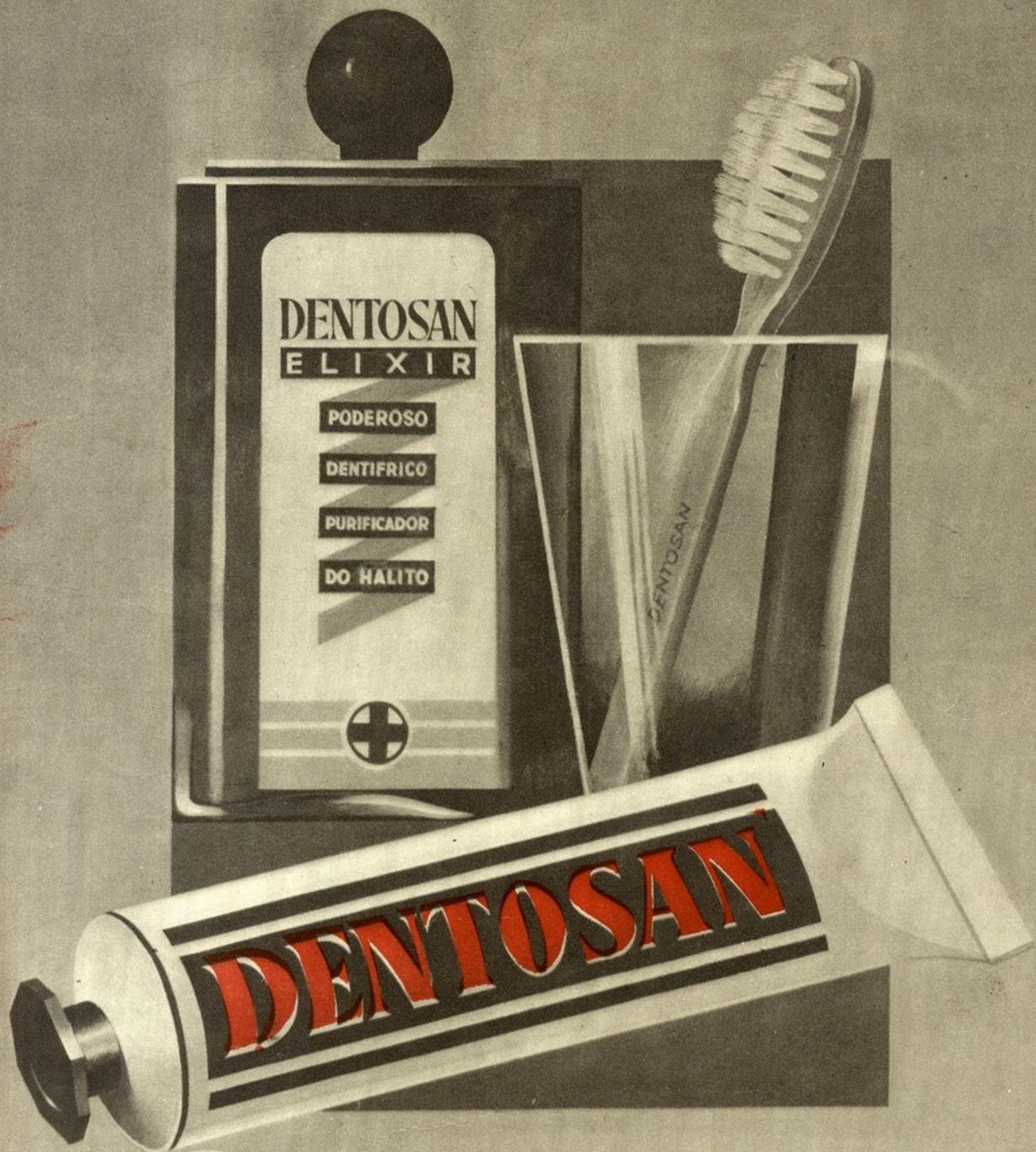
fluidos. É assim que funciona o coração do homem são. A doença é, portanto, devida a uma perturbação do sistema: as afeções cardíacas são um enfraquecimento da «bomba»; as do pulmão uma deficiência do mecanismo das misturas gasosas, etc.

Estas eram, então, idéias novas. Não menos nova era a sugestão de

(Continua na pág. 29)



Joseph Lister, cujas investigações contribuíram extraordinariamente para o progresso da cirurgia moderna



**DENTOSAN**  
**ELIXIR**

**PODEROSO**

**DENTIFRICO**

**PURIFICADOR**

**DO HALITO**



**DENTOSAN**

*Dentes com saúde*

## Literatura infantil

**E**XCLUINDO um reduzido número de obras literárias de interesse educativo de feição infantil, não será injustiça afirmar que a maior parte dos livros para a infância não cumpre o desígnio que a essa difícil expressão literária se impõe.

Parece-nos que muitos de esses livrinhos dedicados às crianças têm em demasia sombras, mistérios, aparições, histórias de arrepiar, e outros disparates em exagerada quantidade.

Por isso, o que deveria ser útil aos pequeninos cérebros torna-se, a mor das vezes, nocivo.

Encher de «medos», de «spões», de diabos e diabinhos, a inteligência da criança, ainda pouco raciocinante, de essas pavores, em lugar de esclarecer, se não constitui desumanidade, deve-se-lhe atribuir equivalência.

O poder impressionante da alma infantil é incomparavelmente superior ao das pessoas adultas. De si a intenção de certa literatura infantil se transformar num mal-féio.

Como justificativa da excepção sublinhada no começo deste nota, serve-nos maravilhosamente a «História da de Portugal» de Adolfo Simões Müller, agora publicada, com ajustadas ilustrações de Emérico Nunes.

Este pequenino tomo, gracioso, com seu quê de brinquedo artístico em seu arranjo gráfico, é, cremos, o maior livro para a infância. Nele se fala e enlece a «palavra de honra», se ensina a julgar os homens, não somente pelo que eles têm de imperfeito, mas, também, pelas virtudes tantas vezes mal-inadas pelo vulgo sempre tão fátil nos seus juízos.

Adolfo Simões Müller, em páginas de prosa mais poética do que alguma prosaica poesia que para aí anda a tentar perfurar-nos os órgãos auditivos, escreveu um livro que pode bem ser considerado um código moral para a formação delicada e pura dos que amanhã serão homens. E ninguém melhor de que um grande poeta estaria indicado para o fazer.

Simões Müller não podia, portanto, deixar de escrever um livro de encanto para as crianças — pois só os poetas são quem compreendem visto que, como eles, também entreterem sonhos de ventura que, raras vezes, se tornam realidade.

## Arte e naturalidade

**B**AUDELAIRE disse que a inspiração consiste em trabalhar todos os dias. Outros escritores emitiram juízo a diversos. Por exemplo: que o génio é uma paciência; ainda outro asseverou que no vasto domínio da arte nada se pode adquirir pela prática, a não ser uma relativa facilidade mecânica; também, nos ocorre esta sentença, não nos lembra de que autor, na qual se impõe dogmaticamente: — o juízo de que o trabalho aturado nunca permitirá a quem o pratica perfeição intelectual e artística.

Cada indivíduo que se dedica a obras de criação de espírito forma a tal respeito opinião própria.

O pior é que, mormente no artista, o caso próprio, zero se «justa» ao alheio.

Se há obras que, pela sua espontaneidade, parecem feitas à luz de um momento claro inspirador, outras há, contudo, que apresentando essa virtude sofreram longos e laboriosos períodos antes de se tornarem espontâneas.

Uma das obras de maior naturalidade é a «Elegia», de Grey, em que uma suavidade de «folha marcha outonal», é a graduação colorida da composição.

Pois a «espontaneidade» desta célebre e impressionante obra custou ao seu autor sete anos de trabalho para que ela fosse considerada perfeita pelos críticos, que só mais tarde souberam que tão fluente naturalidade levará anos e anos a conseguir.

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## Uma entrevista

**P**IERRE VAN PAASSEN, correspondente de alguns órgãos da Imprensa norte-americana quando, em 1929, estava em Paris, no cumprimento da sua missão, recebeu do redactor-chefe de «The New Palestine» uma comunicação a indicar-lhe uma entrevista com Clemenceau.

É bom referir que, principalmente, nos últimos anos da sua velhice, o «Tigre» não era facilmente acessível, e costumava dizer às poucas pessoas que o procuravam que tinha «parado de falar».

No entanto, aquele repórter, hoje um dos maiores vultos da moderna literatura norte-americana, deixou na sua Franklin, à época morada do grande orador, uma carta solicitando-lhe uma entrevista.

O tema não era de fácil exposição através de uma simples «causerie». Tratava-se da vida, das idéias e da obra do dr. Teodoro Herzl, o célebre fundador do Sionismo.

Horas depois Paassen recebia na Redacção de «World» um telefonema informando-o de que Clemenceau o receberia a determinada hora.

Quando van Paassen entrou no gabinete do «Tigre» este, após ligeiro e afável cumprimento, inquiriu do jornalista:

— Que se deu com os senhores jornalistas de hoje? No meu tempo éramos nós que escreviamos as nossas idéias. Actualmente são os senhores que as vão pedir aos outros!

Mas, como o repórter sabia que Clemenceau fora também jornalista, não se amedrontou com a desconcertante pergunta. E o «Tigre» falou, falou maravilhosamente a relembrar-se, talvez, do tempo em que também fizera jornalismo.

## SONHO MILENÁRIO

**S**EMPRE que um grande conflito, seja de que natureza for, político, social, económico ou guerreiro, agita as sociedades, logo desperta no homem a eterna interrogação a esfumar-se no horizonte do porvir.

Essa de-vejo inquietante comunica-se às multidões e toma, por assim dizer, carácter epidémico.

De há quantos séculos o martírio de imaginar e criar mundos perfeitos vem acompanhando a marcha do homem? Este, porém, é como certas espécies vegetais: quanto mais mutiladas, maior é o seu desejo de enfloramento.

Com o indivíduo humano dá-se facto semelhante. Se as suas realidades não passam, habitualmente, de sonhos inaccessíveis queimados pelos sóprios ardentes da desventura, tantas vezes, a fascinação do futuro faz dele como vidente de uma felicidade que só o último alento de vida torna inútil.

Todavia, a interrogação não morre. Transmite-se de geração em geração como ilu-ória herança de que raro se obtém o prometido. Mas o homem guarda no olhar a visão de um futuro melhor. A contenção ou a felicidade originais transformam o homem em gigante ou em verme — conforme o seu poder de criar ou o martírio da sua dúvida.

Então, chocam-se, num clamor, as inquietações que o prendem à terra e o faz duvidar da própria morte.

E a ciência? e a Fé? e o Progresso? e a luta evolutiva do espírito humano? e tudo quanto vem de há milhões de anos a impulsionar a idéia?

Tudo, tudo isto e mais ainda, o ser pretende desvendar procurando em cada caso, em cada fenómeno do universo, em cada aspiração, a evidência clara de uma certeza incontrovertida.

Em todos os tempos houve uma nova era prometida. Ainda hoje quantos milhões de indivíduos vivem desse prometimento?

A missão de tempo é renovadora — afirmam uns. Mas quantas vezes, asseveram outros, os séculos são a repetição dos males pa sados crescidos dos que hão-de vir.

Talvez por aceitar esta última hipótese, o filósofo construiu, numa hora sombria, esta frase: «Os homens guardam na sua mente um quarto do Barba-Azul que não ossem revelar e possuem uma fé que não se atrevem a examinar, para que não sejam levados a deitá-la fora com desprezo».

## Os críticos — Super-homens

**D**E quando em quantos de pessoas de boas intenções aparecem em público trazendo nos lábios esta inquirição: — Há crítica em Portugal?

Claro que aparecem vários entendidos a dizer da sua justiça: ou que sim, que há. Outros, não sabemos se por discordância, que não, que não há tal coisa...

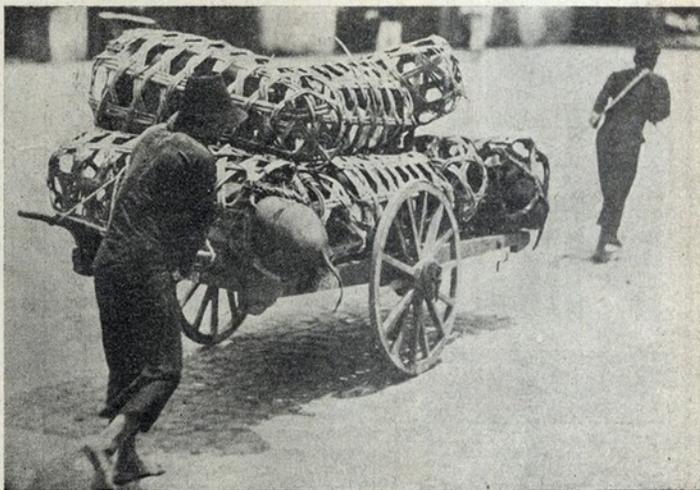
O assunto daria pano para mangas, se a qualquer lhe desse para tratar do tema com desassombrosa sinceridade. Mas isto de sinceridade nem sempre é permitido aos que não se arvoram em críticos encartados. Depois, a crítica parece que está limitada a um grupinho que faz crítica para uso próprio e desdenha dos referenciares das gazetas. É um exclusivo de que, de momento, raros indivíduos se julgam possuídos: passam a elogiar-se uns aos outros servindo-se de publicações feitas para deleite comum.

Todavia aqueles que hoje afirmam não haver crítica, devem ter razão.

De facto, assim é. Ramalho foi crítico, Fialho também o foi, igualmente o foi Eça e tantos outros.

Hoje, porém, ser crítico parece um tanto depreciativo. Acham poucol...

Os críticos foram-se... Agora surgiram os ensaístas, que é denominação mais de estarrecer os parolos que vêm das bérças a dar sentenças à cidade.



Uma figura típica de Macau

# NARCISO

CONTO DE  
FERNANDA MARIA

COM o seu passo ritmado e seguro do homem de 30 anos a quem a vida pouco recusa, ele seguia o seu caminho. A vida não lhe devia ter recusado nada porque o seu ar era superior, um pouco desdenhoso, um pouco frio e duro e de quem já não espera maravilhas; a cabeça ia bem erguida, no jeito dos dominadores, bailava-lhe a sombra mal apagada dum sorriso nos lábios e o traje era de quem segue a moda.

Meteu porras dum bairro operário. Tinha o seu quê de bairro merroquino, tudo aquilo: gente suja, indolente, a canção dum voz feminina, aguda e esgançada, que não se sabia de onde, chegava até à rua, o ar pesado; o desleixo. Gostava, às vezes, de visitar o mundo de onde saíra; adivinhar no brilho do olhar dos garotos a energia ambiciosa que fizera dele alguém.

Num portal de pedra alta, um rapazito dos seus doze anos chamou-lhe particularmente a atenção. Pequeno, magro, macilento, só os olhos e os cabelos brilhavam nele, davam relevo à sua insignificante figura. Os olhos eram grandes e fitavam tudo arregalados, com avides curiosos, com fome de ver, e os cabelos eram aos anéis, castanho-dourados. Mas o que mais especialmente o atraía nele foi um pobre ramo de flores — ramo... quatro ou cinco malmequeres — e uma

caixinha de chocolates, do tamanho e feitio duma caixa de fósforos, que amorosamente apertava nas mãos. Aquêles olhos espantados, aqueles cabelos de reflexos acobreados, aquele ar meigo e scanhado de cão vagabundo, tudo aquilo era ele mesmo, com vinte anos menos. E também ele costumava esperar a namorada dos seus sonhos, com pequeninos presentes, tudo o que podia oferecer. Porque o miúdo esperava uma petiza com certeza.

Encostou-se a uma parede, a observar o caso. O pequeno não dava por ele. Tinha a atenção estava concentrada nos ruídos que vinham da escadaria. «Quando saíra ela?» devia pensar. O tempo corria e os quatro ou cinco malmequeres e a caixinha de chocolates passavam-lhe nervosamente de uma para outra mão. O coração dele bater-lhe-ia agora apressado, como o seu costumava bater naquelas ocasiões? Finalmente a pequena Julieta apareceu. Era branca, de olhos azuis e tranças loiras. Parecia um anjo do céu, com receio de se manchar na lama da terra. Ele levantou-se, ela passou à frente. O rapazito chamou:

— Irene...

Dignou-se olhar para ele. Viu os presentes e estendeu as mãos. Sabia que eram para ela. Ele deu-lhos logo com um murmurio inútil: «São para ti.»

Isa afastou-se, sem um obrigado ou um sorriso, mas ele insistiu:

— Onde vais? Posso acompanhar-te?

— Vou à mercearia. Mas não tens nada com isso. Não quero que me acompanhes. O João podia saber e não gostar.

— O João não te quer. Eu é que gosto de ti!

— Palermo. Pensas que és o único rapaz que gosta de mim. Tenho outros melhor do que tu!

— Nenhum gosta tanto de ti como eu. Roubei quinze tostões ao meu pai para te comprar chocolates em vez de comprar cigarros para mim. Os outros não te oferecem prendas.

— Nunca te pedi nada. Não sejas parvo!

E a orgulhosa afastou-se, tasquinhando o chocolate, coquette no seu bibe de raminhos, diferente das outras, sujas e descalças. Os seus pés pequenos, calçados de sandálias, já sabiam pisar com graça.

Os olhos do pequeno encheram-se de lágrimas, mas num assomo varonil apertou as maxilas e enfiou com esforço. Seria um dia um homem verdadeiro, quem assim era capaz de beber o fel das suas amarguras, não deixando rolar as lágrimas pela cara. Ficou mais pálido ainda, tão pálido como se fosse feito de cera, e sentou-se novamente no portal, talvez sem forças para sair dali.

O homem sentiu desejos de atravessar a rua, pôr a mão no ombro do rapaz, dizer-lhe palavras de conforto, coragem. Merecia a pena ficar assim, enrodilhado como um trapo, só porque uma rapariguinha o tinha desdenhado? Sabia o que esperava o pequeno, a via crucis de humilhações e desesperos que percorreria. Podia

contar-lhe a sua vida, desde o dia em que uma miuda também zombara do seu amor, um amor puro e que nada tinha de comum com as encantadoras mentiras que agora sabia dizer e que fazia renderem-se-lhe quantas mulheres quisesse. Sim, e podia tirar proveito da sua experiência. Se queria aquela garota não tinha mais do que agarrá-la pelos pulsos, e puxando-a para si, dizer-lhe autoritariamente: «De hoje em diante não falas para outro, hein?!»

Ensiná-lo-ia e vêr-se ao espelho como ele se via, admirando-se; a amar-se apenas a si próprio, a sorrir com graça. Que descoberta para ele quando uma mulher, uma vez, lhe dissera que tinha um riso que apetecia ver e ouvir. Desde então, nunca mais deixou perder uma oportunidade de rir, quando queria conquistar uma mulher. E consideravam-no um companheiro ideal, um companheiro muito querido a quem nada recusavam, porque sabia pedir com graça, com finura... com cinismo. Oh! aqueles cabelos, os dele e os do miúdo que eram quasi ele, não foram feitos para se desganharem nas mãos crispadas pelo desespero, mas sim para serem acariciados, penteados, por dedos femininos. Nenhuma mulher merecia o mais pequeno sacrificio. Sube-lo-ia um dia tarde ou cedo. Dar atenção a todas e não ligar importância a nenhuma, eis o destino dos homens como eles.

Como ele sofrera quando a namorada que escolheu e tratou assim também. Julgou morrer. Parecia-lhe que o mundo ia acabar. Mas nada disto aconteceu. Fez-se homem. Conheceu mulheres e conheceu a Sorte. Não acreditava nelas. Só o interessavam por desporto. Fazia apostas consigo mesmo: «Bebo uma garrafa de cham-

panhe se esta me cair nas rédes dentro de quinze dias. Se não cair, ando uma semana a água». E nunca esteve uma semana a água.

Tudo isto era para esquecer uma miuda que disse: não. No fundo a miuda permanecia e fazia-o pensar que as mulheres não são bem todas iguais. Já devia ser uma mulher. Teria o mesmo ar de anjo exilado pelas suas maldades? Era aí, mas tão bonita, santo Deus! E um dia viu a de novo. Linda sim, como em pequena, mas gentil. Nada da miuda que o entovava, da sua companhia, como se ele fosse sarmento. Ele sentiu-se um pouco constrangido, como que sufocado, na sua presença, mas era homem vivo, dissimulava hábilmente o seu embarço, tão bem que ela uma vez disse-lhe, a ri:

— Nem sei como você se transformou num rapaz tão agradável. Quando era pequeno até metia medo. Parecia que tinha tido a meningite.

Como resposta riu, com o riso que as mulheres gostam de vêr e apostou mentalmente consigo uma garrafa de champagne. Bebeu-a antes dos quinze dias. Soube-lhe mal, a principio. Depois saboreou melhor. A última ilusão perdida... Ora, as ilusões são como os malmequeres, fizeram-se para desfolhar e deitar fora.

Podia poupar muito sofrimento inútil ao rapazinho que continuava no portal; dizer-lhe que aquela miuda não valia mais do que as outras. Mas mereceria a pena? E dar-lhe-ia o rapaz atenção? Nem isso, talvez. As experiências dos outros nunca nos interessam grandemente. Todos querem seguir a sua vida. E como podia o rapaz saber o que é a vida sem a viver. Não, não; era melhor seguir o seu caminho.

E seguiu.

## VINHOS DE XEREZ

Da casa  
R. C. Ivison

AMONTILLADO

Muito velho e seco

— V O X —

«Very old Xerez»

Da casa  
Williams & Humbert

DRY SACK

— Velhissimo —

AGENTES:

Guilherme Graham Júnior & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 7  
LISBOA  
Telefone 2 0066/9  
Rua dos Clérigos, 6  
PORTO  
Telefone 880/1



PRONTO WATCH CO.  
LE NOIRMONT SUISSE

## A batalha da Normandia

(Continuação da pag. 8)

nas praias normandas, o material e equipamentos necessários para alimentar uma ofensiva de grande envergadura contra um adversário que há longo tempo se preparava. A muralha do Atlântico não era um mito. Era um obstáculo sério que a coragem dos soldados aliados e a superioridade do seu material dominaram vitoriosamente.

Quarta conclusão: os Aliados puderam conquistar e ocupar um grande porto, Cherburgo, ao fim de vinte e dois dias de luta. Os prisioneiros feitos e o material apreendido indicam, com suficiente clareza, o vigor da ofensiva que há cinco semanas se desenrola na Normandia. Ninguém duvidará que a segunda frente é uma realidade e a invasão pelo ocidente da Europa o início do último acto do drama que vivemos há cinco anos. A estratégia aliada revelou-se nitidamente superior à do adversário. Os quadros dos exércitos anglo-americanos demonstraram um treino aturado. Os soldados foram magníficos de bravura e coragem. O material e o equipamento estão acima de todos os elogios. A organização de desembarque e da ofensiva excedeu tudo o que seria lícito esperar.

A cooperação dos vários serviços e armas revelou-se perfeita. As lições de Dièppe e de Alamein, da Tunísia e da Itália foram excelentemente aproveitadas. Mas a perfeição na execução deixou a uma distância compreensível esses episódios heroicos e reveladores, que constituíram o prólogo da acção decisiva.

## O tratamento dos mutilados

(Continuação da pag. 11)

Checoslováquia e a Polónia. Algumas dessas nações aproveitaram já a oferta das experiências. Assim, há, por exemplo, muitos polacos nos laboratórios de prótese; outros especialistas, vindos do Egipto, da França, da Holanda e das Índias trabalharam já, ali, nomeadamente um coronel dos Serviços Médicos das Índias, que estudou, com entusiasmo, os laboratórios cirúrgicos.

Um rápido resumo da história deste hospital poderá dar uma ideia da sua actividade. Ocupa um velho castelo, com uma área de dez hectares situado, perto de Londres. Aberto em 1915, como hospital militar para convalescentes, não tinha então, mais de 25 camas. Um ano depois, contava já 500 e, dois anos mais tarde, o número elevava-se a 900. A sr.<sup>a</sup> Gwine Holford, que é hoje membro do conselho de administração, con-

tribuiu extraordinariamente para a estação do hospital.

Durante a guerra de 1914-18, ele forneceu de aparelhos de prótese 65% dos mutilados. Depois, deu centenas de milhar de consultas para o renovoamento e reparação dos aparelhos. O hospital é a sede de grandes depósitos espalhados por todo o país.

Depois da guerra, quando os combatentes para os quais fôra fundado estavam restabelecidos, a direcção do hospital reconheceu que ele deveria continuar a sua actividade.

Quais serão as perspectivas do futuro para os antigos combatentes, quando tenham recebido o seu aparelho de prótese e tenham sido instruídos completamente no seu uso? O Ministério do Trabalho tomou as disposições necessárias para dar-lhes o trabalho que lhes convenha. Outros, voltarão às suas ocupações primitivas, outros mesmo ficarão em condições de regressar ao serviço das forças armadas. Há, por exemplo, o caso extraordinário do tenente-coronel aviador Bader, que tem as duas pernas artificiais, e o do comandante Mc Lechlan, também aviador, que voltaram ao combate depois de terem passado pelo hospital da Rainha Mary.

## A medicina britânica

(Continuação da pag. 25)

Sydenham, afirmando que a semelhança entre certas doenças mostrava que elas eram devidas, na maioria dos casos, a causas exteriores.

A descoberta de Sydenham era tão importante como a de Harvey: de facto, elas completavam-se. A descoberta de Harvey mostrava que os sintomas da doença correspondem a uma reacção insuficiente do ambiente, e a de Sydenham que o ambiente contém os elementos específicos capazes de atacar o organismo, que pode resistir com êxito até o completo restabelecimento.

Além disso, uma pessoa imunizada pode viver com boa saúde na presença da infecção, graças a uma reacção contínua e completa, da mesma maneira que um indivíduo submetido a um completo treino pode viver com boa saúde em condições excepcionais de tensão e de esforço.

A Edward Jenner, médico no condado de Gloucester, se ficou devendo o mérito de ter posto em prática estas teorias. Ele observava que os vaqueiros que tinham sido atacados pela varíola das vacas estavam, geralmente, imunizados contra a varicela. Estas duas doenças apresentavam consideráveis analogias. Jenner pensou que se as crianças pudessem ser previamente injectadas com a varíola das vacas poder-se-ia suprimir a varicela. Da mesma maneira, poderia substituir-se uma afecção benigna por uma doença grave.

O êxito de Jenner dependia do carácter específico da infecção, tal como tinha sido postulado por Sydenham, assim como o da circulação do sangue descrita por Harvey e do papel que podia desempenhar na resistência à infecção. Jenner, quasi sem saber, tinha descoberto o segredo da imunização e lançado as bases do edifício que Lister e Pasteur construiriam mais tarde.

Pasteur não era médico e a sua entrada no campo da medicina deve-se ao acaso. Não foi, verdade-

## JÁ DEU O QUE TINHA A DAR



O baile está a terminar e ela ainda não se levantou da cadeira, porque ninguém convida uma senhora de cabelos grisalhos: a sua aparência idosa condena-a a ficar sentada toda a noite.

Os cabelos brancos desaparecem em poucos minutos com uma aplicação de IMÉDIA, cuja dosagem própria permite reproduzir os tons da natureza. Os bons cabeleiros aplicam IMÉDIA-OREAL. Não querer ir ao cabeleiro pode aplicar IMÉDIA em casa, com toda a facilidade, comprando uma caixa em qualquer perfumaria.

GRÁTIS — Peça aos agentes de L'OREAL  
RUÁ D'ASSUNÇÃO, 88 — LISBOA

informações, gratuitamente e sem compromisso.

ramente, ele que descobriu os germes, no sentido retrito do termo. O seu génio levou-o a comparar os germes que ele descobriu nos organismos afectados pela doença com a doença propriamente dita e com a resistência oferecida pelo organismo.

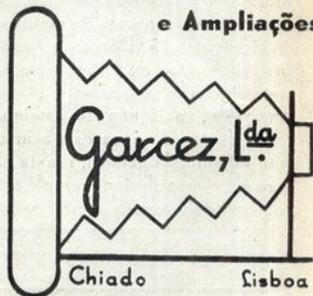
Pasteur aplicou as suas descobertas ao antez e à raiva e mostrou que era possível produzir artificialmente a imunidade contra essas duas afecções levando o organismo a produzir os antídotos necessários. Ministrando, durante certo tempo, pequenas doses progressivas da toxina bacteriana, verifica-se que, finalmente as doses mais fortes podem ser suportadas, sem perigo, pelo organismo. Era o método de Jenner aplicado de maneira diferente.

Sob o impulso de Lister, caminha-se de um método de profilaxia para outro. Depois de ter estudado a obra de Pasteur, Lister pensou que se os micróbios podiam ser eliminados das feridas cirúrgicas, a terrível gangrena, que fazia da cirurgia uma solução desesperada, só aplicável em casos extremos, em vez de um meio facilmente praticável, poderia ser evitada. Lister, a princípio, praticou o método antiseptico, matando os

micróbios. Os seus sucessores empregam hoje o método da sepsia, que previne contra a sua aparição.

Foi sobre esta base sólida que se estabeleceu, nos nossos dias, não somente toda a cirurgia moderna, como toda a ciência da conservação dos alimentos, da purificação da água, etc. Por isso os nomes de Harvey, de Sydenham, de Jenner, de Pasteur e de Lister são os maiores que se conhece na história da Medicina.

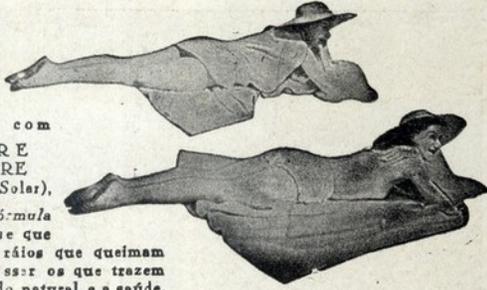
## Revelação de Rôlos, Cópias e Ampliações



## RECOMENDAÇÕES PARA A PRAIA

ANTES de se expor ao Sol be-sunte-se cuidadosamente com

AMBRE SOLAIRE (Ambar Solar), óleo de fórmula parisiense que detém os raios que queimam e deixa a pele os que trazem o bronzeado natural e a saúde.



Vende-se nos bons cab. leiteiros e perfumistas e no

DEPÓSITO:

RUA D'ASSUNÇÃO, 88-2.º

LISBOA

## SORRISOS AO SOL

(Continuação da pag. 15)

plena festa veraneante, em que as ondas, os barcos, a areia e a multidão de banhistas compõem um grande e animado quadro de alegre confiança na existência.

Faz milagres êste lindo sol, que tudo aquece, anima e exalta. Sorriem-lhe os olhos, numa manifestação de louvor; e sorriem-lhe os corpos e até as próprias almas, numa confissão de expressivo contentamento. Agora, à beira-mar, nas praias de areia doirada, as manhas são verdadeiras apotheoses de satisfação comunicativa. Sobressaem as crianças e as mulheres, vidas em botão e vidas a desabrochar em perfeita eutímia, dominando pela sua graça e encanto, para quem o mar, a despeito da sua misteriosa imensidade, parece ter feito as ondas, na ânsia galante de lhes beijar os pés... E, pelas *toilettes*, reunidas e moralizadas, chega-se a ter a impressão de que a praia é uma faixa do Paraíso, tão grande, tão intensa e tão envolvente é a sua atmosfera doirada, luminosa e festiva.

O sol e o mar são assuntos principais da quadra. Unidos, produzem maravilhosas paisagens, num fundo glauco a larga toalha oirescente, enquanto que, em primeiro plano, a infância e a mocidade, numa corrida sem fadiga, vai cantando o prazer de saborear as horas do dia. De tarde, após um intervalo de horas que a canícula exige, a praia volta a animar-se e, se já não se caminha para dentro de água com a mesma intensidade matinal, fica-se na praia, num «bicionismo» plástico de grande categoria, conversando,

correndo, brincando ou lendo, enquanto a tarde vai correndo e o sol vai fugindo.

Despovoaem-se os campos — inundam-se as praias. O mar convide os enclmados, os enfraquecidos, premetendo-lhes frescuras e revigoração. As mulheres elegantes dão a nota máxima de sedução. Paradisiacamente vestidas, são estátuas de alegria, são monumentos à saúde, à elegância e ao sol.

## HA 3.500 ANOS

(Continuação da pag. 24)

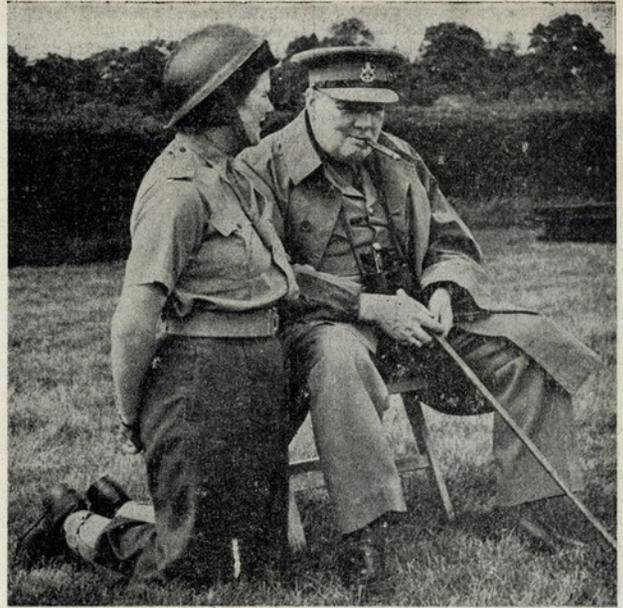
Já foram exumados mais de vinte esqueletos, com as características antropológicas do português médio do século XX; dezenas de vasos, algumas de tipo camponiforme, em barro cinzento, avermelhado e preto, com incisões geométricas e de formas assás elegantes, que demonstram o sentido estético do cavernícola. O sr. dr. Leonel Ribeiro considera alguns d'elles, únicos nas colecções prehistóricas da península, Dois, de pedestal, e luxuosamente ornamentadas com linhas quebradas e ponteadas são, de facto, peças duma extraordinária beleza.

As excavações continuam com redobrado interesse. Apareceram setas, de pedra lascada, uma ponta de lança em cobre, botões de osso, dum formato cujosíssimo, cilindros polidos, denominados «fétis de Deus», que serviam de oferta aos mortos; contes e outros objectos de valia, de ornato feminino. As pesquisas realizadas na estação que pertencem a época eneolítica são patrocinadas pela Junta Nacional de Educação.

## O HOMEM

(Continuação da pag. 5)

dominando, dramaticamente, o tumulto da guerra que irmanou todos os povos subjugados, unindo-os substantivamente, numa força coesa de resistência e, depois,



Churchill, com o seu uniforme de comodoro da R. A. F., visitou com sua filha Mary, que pertence aos Serviços Auxiliares Femininos, os centros de defesa anti-aérea, assistindo a grandes exercícios de conjunto.

sucessivamente, de revolta e de combate contra o agressor. Manter perto de cinco anos dentro do próprio campo inimigo essas forças dispersas, crentes de que a vitória soaria um dia, mesmo, quando tudo ao princípio parecia negá-lo, é, sem dúvida, o facto mais transcendente desta guerra. Não pertence êsse facto ao domínio militar, portanto, material, mas no campo psíquico, sempre difícil de fixar e de orientar, sobretudo, quando o agente propagador — neste caso a palavra churchiliana — se encontrava tão distante, sujeita a tôdas as rupturas e deformações. Ela venceu não só os primeiros combates, mas criou, idealizou os objectivos desta guerra de defesa. Se, na de 14, nos últimos

mês, uma vaga de ceticismo e de desilusão, corria a alma dos soldados, neste, ao fim dum longo periodo de preparação e estabilização na frente ocidental, o entusiasmo, a energia, a voluntariedade do esforço, como se acrisolaram e inflamaram ao contacto do primeiro objectivo — a libertação da França. Isto significa, que as guerras não se ganham com armas embora sejam o seu instrumento, mas com almas, consciências, idéias e verdades humanas. Foi êsse o segredo do Homem inglês.

Ao terminar esta terrível luta, há que erguer a Churchill, no meio da Europa, que êle salvou, um monumento ao seu génio e à sua glória!

A. P.

**FAÇA OS SEUS TRATAMENTOS DE BELEZA**

MASSAGEM - MÁSCARA DE LAMA - LIMPEZA DA PELE - EXTRAÇÃO DE PELOS PELA ELECTRICIDADE

NA

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**

ME CAMPOS AV. DA LIBERDADE, 35 - TEL. 21880 - LISBOA

# B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA  
E O MUNDO ACREDITA



## EMISSIONES EM LINGUA PORTUGUESA

09.45-10.00 - Noticiário 19.30-19.45 - Noticiário

49.92 m. 6.01 mc/s 41.96 m.  
41.96 m. 7.15 mc/s 31.61 m.  
31.61 m. 9.49 mc/s 31.41 m.  
31.41 m. 9.55 mc/s 19.76 m.  
25.42 m. 11.80 mc/s  
19.76 m. 15.18 mc/s

\*

19.45-20.00 - A Voz da América

\*

41.96 m.  
31.61 m.  
31.41 m.  
19.76 m.

14.15-14.45 Noticiário e Actualidades

49.92 m.  
41.96 m.  
31.61 m.  
31.41 m.  
25.42 m.  
19.76 m.  
16.79 m. 17.81 mc/s

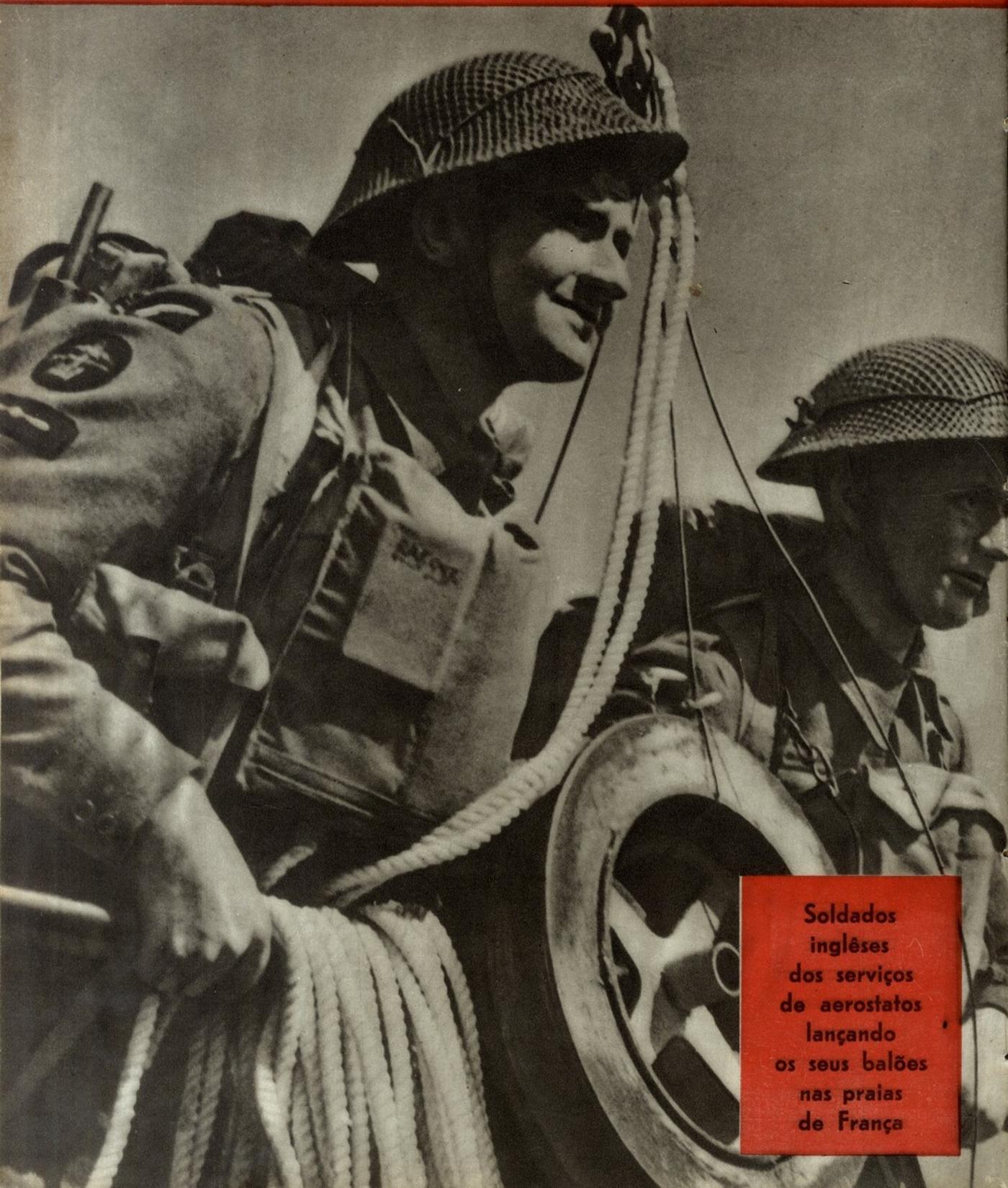
\*

22.15-22.45 - Noticiário e Actualidades

41.96 m.  
31.61 m.  
31.41 m.  
19.76 m.

HOME AND FORCES PROGRAMME — Publicam-se, semanalmente, no «RÁDIO NACIONAL» e no «ANGLO PORTUGUESE NEWS», programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

# MUNDO GRÁFICO



Soldados  
inglês  
dos serviços  
de aerostatos  
lançando  
os seus balões  
nas praias  
de França